FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA

CLEANE LINHARES SOUSA
ROSYMARA SILVA RODRIGUES

INDISCIPLINA ESCOLAR COMO FATOR QUE INFLUENCIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM:

uma análise da Escola "Mundo Encantado"

Chapadinha
2012

CLEANE LINHARES SOUSA
ROSYMARA SILVA RODRIGUES

INDISCIPLINA ESCOLAR COMO FATOR QUE INFLUENCIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM:

uma análise da Escola "Mundo Encantado"

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP, como requisito para obtenção do grau de licenciadas em Pedagogia.

Orientadora: Anety Fonteles Alves

Chapadinha
2012

Sousa, Cleane Linhares.

Indisciplina escolar como fator que influencia no processo de ensino e aprendizagem: uma análise da Escola “Mundo Encantado” / Cleane Linhares Sousa; Rosymara Silva Rodrigues. – Chapadinha, 2012.

71 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Curso de Pedagogia, Faculdade do Baixo Parnaíba, 2012.

1. Indisciplina. 2. Ensino e aprendizagem. 3. Professor e aluno.
I. Rodrigues, Rosymara Silva. II. Título.

CDU 37.01(812.1)

CLEANE LINHARES SOUSA
ROSYMARA SILVA RODRIGUES

INDISCIPLINA ESCOLAR COMO FATOR QUE INFLUENCIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM:

uma análise da Escola Mundo Encantado

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP, como requisito para obtenção do grau de licenciadas em Pedagogia.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª Anety Fonteles Alves (Orientadora)
Especialista em Docência do Ensino Superior
Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP

_____

1º Examinador

_____

2º Examinador

Às nossas famílias que sempre nos deram amor, apoio e compreensão durante todas as fases deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por nos guiar em todos os momento das nossas vidas, dando-nos força e disposição para a concretização deste trabalho;

Aos nossos familiares, por nos fazer acreditar que somos capazes de transformar um sonho em realidade;

À professora orientadora, Anety Fonteles Alves, por seu empenho e competência durante as orientações desta monografia;

A todos os professores do Curso de Pedagogia, pelos conhecimentos compartilhados que nos proporcionaram uma nova visão sobre educação;

Ao supervisor, à gestora, às professoras e alunos da escola-campo que disponibilizaram um pouco de seu tempo para que pudéssemos coletar informações;

A auxiliar de biblioteca da Faculdade do Baixo Parnaíba, Maria dos Milagres, pelo empenho e disposição em disponibilizar os livros necessários para a elaboração deste trabalho monográfico;

Aos nossos companheiros, pela paciência e compreensão durante os momentos de ausência.

"O problema de disciplina não é fruta que amadurece, que se resolve 'com o passar do tempo'; ao contrário, com o 'tempo', só se avoluma, se multiplica, se agrava! É necessário tempo para solucioná-lo, mas um tempo 'cheio', marcado por intervenção, interação."

Celso Vasconcellos

RESUMO

Este trabalho tem como foco o fenômeno da indisciplina escolar, considerado atualmente um dos principais obstáculos enfrentados pelo professor na sala de aula. Partindo do pressuposto de que as expressões de indisciplina são caracterizadas por diversos conceitos e interpretações, o que tem dificultado a efetiva realização da prática educativa, procurou-se verificar a interferência da indisciplina no processo de ensino e aprendizagem, analisando criticamente, os fatores causadores que predispõem as condutas indisciplinadas dos alunos na sala de aula, bem como a influência da mesma perante os atos de violência na escola. Além disso, o estudo contextualiza que a questão da indisciplina não é problema apenas do aluno, mas também do professor, da família e da própria escola. Nessa perspectiva, recorre-se para a influência do comportamento dos sujeitos no processo de construção da disciplina escolar, pois quando existe uma boa relação entre o professor e o aluno as possibilidades de coibir as ações indesejadas tornam-se maiores. Por fim, analisou-se as expressões de indisciplina na Escola "Mundo Encantado", investigando os fatores que contribuem para a ocorrência dessas manifestações indisciplinadas, as estratégias utilizadas para prevenir o problema e as consequências da mesma no aprendizado dos alunos, para tanto, realizou uma pesquisa bibliográfica e ainda um estudo descritivo, com abordagem qualitativa e quantitativa, envolvendo os seguintes sujeitos: gestora, supervisor, duas professoras e vinte alunos do 5º ano da referida escola. O resultado da análise dos dados evidenciou que a indisciplina está associada aos aspectos externos e internos à escola e na maioria das vezes pode dificultar a concretização do processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Indisciplina. Ensino e aprendizagem. Professor e aluno.

ABSTRACT

This work focuses on the phenomenon of school indiscipline, currently considered one of the main obstacles faced by the teacher in the classroom. Assuming that the expressions of indiscipline are characterized by various concepts and interpretations, which has hampered the realization of educational practice, we try to verify the interference of indiscipline in the process of teaching and learning, critically analyzing the factors that cause predispose the unruly behavior of the students in the classroom as well as the influence of the same against acts of violence at school. Furthermore, the study contextualizes the issue of indiscipline is not a problem only of the student but also the teacher, the family and the school. In that perspective, it resorts to influence the behavior of the subjects in the construction of school discipline, because when there is a good relationship between the teacher and student opportunities to curb the unwanted actions become larger. Finally, we analyze the expressions of indiscipline in the Enchanted World School, investigating the factors that contribute to the occurrence of these unruly demonstrations, the strategies used to prevent the problem and the consequences of it in student learning, for both, conducted a literature search and still a descriptive study with qualitative and quantitative approach, involving the following subjects: manager, supervisor, two teachers and twenty students of the 5th year of that school. The result of the analysis of the data showed that indiscipline is associated with the external and internal aspects to school and most of the time can hinder the realization of the process of teaching and learning.

Keywords: Indiscipline. Teaching and learning. Teacher and student.

LISTA DE GRÁFICOS

p.

Gráfico 1 - O que é indisciplina para você? 50

Gráfico 2 - Você se considera um (a) aluno (a) indisciplinado (a)? 51

Gráfico 3 - Quais as medidas adotadas pela professora quando um aluno age de forma indisciplinada? 52

Gráfico 4 - Você acredita que a indisciplina prejudica na sua aprendizagem?..... 53

Gráfico 5 - Em sua opinião, quem são os principais responsáveis pela indisciplina na escola?..... 53

Gráfico 6 - O que leva o aluno agir de forma indisciplinada?..... 54

Gráfico 7 - Você estuda por quê? 55

LISTA DE TABELAS

p.

Tabela 1 - Definição de aluno indisciplinado..... 56
Tabela 2 - Interferência da indisciplina na aprendizagem 57
Tabela 3 - Estratégias utilizadas para evitar problemas indisciplina 58
Tabela 4 - Principais responsáveis pela indisciplina 58
Tabela 5 - Sugestões para solucionar problemas de indisciplina 59
Tabela 6 - Castigos aplicados 60
Tabela 7 - Interferência em situação de indisciplina 61

SUMÁRIO

p.

LISTA DE GRÁFICOS 9

LISTA DE TABELAS 10

1 INTRODUÇÃO 12

2 A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR 17

2.1 Conceitos e interpretações da indisciplina na sala de aula 19

2.2 Causas e fatores que predispõem à indisciplina 23

3 A INDISCIPLINA COMO CONSEQUÊNCIA DA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS 27

4 A INFLUÊNCIA DO COMPORTAMENTO DOS SUJEITOS NA CONSTRUÇÃO DA DISCIPLINA ESCOLAR: diferentes posturas 31

4.1 A relação professor e aluno 33

4.2 O papel da família 37

4.3 A função da escola 41

5 A INDISCIPLINA COMO GERADORA DA VIOLÊNCIA ESCOLAR 44

6 UM OLHAR SOBRE A INDISCIPLINA NA REALIDADE DA ESCOLA MUNDO ENCANTADO 49

6.1 Análise dos dados coletados 50

7 CONCLUSÃO 62

REFERÊNCIAS 64

APÊNDICES 67

1 INTRODUÇÃO

A indisciplina na escola constitui-se um fenômeno de várias discussões e debates entre os profissionais da educação, família e comunidade em geral, sendo considerada hoje como um dois principais obstáculos que prejudicam o processo de ensino e aprendizagem.

Lidar com a questão da indisciplina dos alunos na sala de aula é um grande desafio para o professor, haja vista, a complexidade da temática e a diversidade de fatores que contribuem para a ocorrência de comportamentos considerados indisciplinados.

O interesse pelo tema "Indisciplina Escolar" surgiu a partir das experiências vivenciadas em sala de aula, por ocasião do Estágio Supervisionado, durante as observações na turma do 5º Ano do Ensino Fundamental da Escola Mundo Encantado[1], constatou-se que existiam muitos alunos indisciplinados, desrespeitosos e desobedientes. É importante ressaltar também que a maioria desses alunos apresentavam ainda, dificuldades para assimilar os conteúdos, o que interferia na aprendizagem.

Outro fato importante, também observado, foi a ineficiência de alguns professores em lidar com determinados alunos que apresentavam essas condutas indisciplinadas. No decorrer do estágio foi nítida a dificuldade para ministrar os conteúdos e alcançar os objetivos propostos, pois os alunos conversavam paralelamente, não envolviam-se nas aulas, demonstravam desinteresse e dispersão.

Diante dessa problemática, sentiu-se a necessidade de investigar a temática em questão, com o intuito de buscar respostas e possíveis soluções para esse problema complexo presente nas escolas.

Sabe-se que a sociedade atual é marcada pela desigualdade social, pela pobreza e pela violência e é onde o individualismo impera sobre a coletividade social. Nessa perspectiva, partindo do pressuposto de que a escola é uma instituição inserida na sociedade, entende-se que as ocorrências do contexto social influenciam diretamente as dinâmicas escolares e que a expansão da indisciplina pode ser reflexo das transformações da sociedade.

O fenômeno da indisciplina escolar é um problema que desnorteia a ação do professor na sala de aula, deixando-o sem saber como agir para combater esse problema. Diante dessa situação, é comum cair no saudosismo, lembrando-se do tempo em que a aparente disciplina era conseguida à base de castigos ou ameaças, além disso, desenvolve

[1] Nome fictício para resguardar a identidade da escola-campo.

também uma atitude acusatória jogando a responsabilidade pela indisciplina na família ou no próprio aluno.

Entretanto, vale ressaltar, que a ação do professor também pode contribuir para o surgimento da indisciplina, pois quando este apresenta comportamentos impróprios como, falta de assiduidade e pontualidade, aulas monótonas e descontextualizadas e metodologias inadequadas isso favorece ao surgimento da indisciplina.

Nessa perspectiva, entende-se que o enfrentamento da indisciplina torna-se possível na medida em que o professor desenvolve estratégias eficientes capazes de despertar no aluno o interesse pelos estudos e o desejo de construir o conhecimento.

Ressalta-se, nessa mesma direção, que não existe receita pronta para solucionar de imediato o problema de indisciplina, porém destaca-se a importância da participação ativa da comunidade escolar, realizando intervenções e procedimentos que visem sanar o problema.

Diante do exposto, justifica-se a importância desta pesquisa, pois acredita-se que para minimizar ou até mesmo sanar o problema em questão é fundamental conhecer a origem, ou seja, os elementos geradores ou que predispõem a indisciplina dos alunos para que assim seja possível aplicar alternativas pedagógicas eficazes para o enfrentamento deste problema.

Além disso, é necessário um olhar atento sobre a influência da indisciplina no processo de ensino e aprendizagem, pois a mesma pode dificultar a prática de ensino do professor e a aprendizagem do aluno.

Partindo dessa premissa, delimitou-se o objetivo central desta pesquisa que é analisar a influência da indisciplina no processo de ensino e aprendizagem.

Para o alcance dos objetivos propostos delimitou-se algumas questões norteadoras:

- As manifestações de indisciplina na sala de aula interferem no processo de ensino e aprendizagem?
- Que fatores são atribuídos às causas de indisciplina na escola?
- Que estratégias utilizar para amenizar os comportamentos inadequados que levam à indisciplina?
- Como a indisciplina é interpretada na Escola Mundo Encantado?

Com o intuito de obter respostas a essas questões, procurou-se inicialmente, observar a postura do professor frente às manifestações de indisciplina dos alunos na sala de aula, procurando verificar se o mesmo faz uso de castigos ou recompensas para obter a disciplina dos alunos.

Para compreender como surgem as condutas indisciplinadas e definir os responsáveis por esse comportamento sentiu-se a necessidade de identificar as causas que contribuem para o surgimento da indisciplina escolar e se há medidas de intervenção e/ou prevenção do problema. Para tanto, realizou-se uma pesquisa na Escola Mundo Encantado, instituição na qual fora realizado o Estágio Supervisionado e onde foram evidenciadas situações que motivaram a elaboração desse trabalho de investigação.

A temática em questão possui importância no cenário educacional, pois apresenta as causas da indisciplina, bem como a influência da mesma no processo ensino e aprendizagem. Ressalta-se novamente a relevância deste trabalho, pois o resultado das análises pode oferecer orientações necessárias para que os professores e toda a comunidade escolar possam interpretar esse problema e aplicar metodologias capazes de solucionar as condutas indisciplinadas no contexto escolar.

O estudo é fruto de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa e quantitativa, pois visa a descrever e interpretar as opiniões e concepções da comunidade escolar a respeito da temática estudada, verificando ainda os fatores que de alguma forma contribuem para a existência da indisciplina na escola.

Realizou-se, também, uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de leituras de revistas, livros e artigos científicos de teórico como: Aquino (1996), Vasconcellos (2009; 2000), Parrat-Dayan (2011), Rebelo (2002) dentre outros que problematizam questões relacionadas à indisciplina na sala de aula. Após esse levantamento bibliográfico, partiu-se para a escola campo, na qual fora realizada a observação participativa, juntamente com a aplicação dos questionários com perguntas abertas e fechadas.

Tendo em vista, o alcance do objetivo central deste estudo, optou-se por aplicar os questionários não apenas aos professores e alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental, mas também ao supervisor e à gestora da escola, para assim, conhecer as diversas opiniões e atitudes dos sujeitos sobre a temática estudada.

A escola-campo da pesquisa possui 02 (duas) turmas do 5º Ano, que funcionam no turno matutino: uma com 32 e a outra com 30 alunos. Dessa forma, para participar da pesquisa, foram selecionados 20 (vinte) alunos (10 da turma A e 10 da turma B), 02 (duas) professoras, 01 (um) supervisor e 01 (uma) gestora.

Com os alunos foi aplicado um questionário contendo 07 (sete) perguntas fechadas, com o intuito de compreender as percepções que estes têm a respeito da indisciplina, bem como a associação da mesma perante as dificuldades de aprendizagem.

Ao supervisor, à gestora e às professoras foi aplicado questionário com perguntas abertas, visando conhecer a postura de cada um diante das manifestações de indisciplina, estratégias e sugestões que podem ser utilizadas para prevenir o problema.

A pesquisa iniciou-se no 1º semestre do ano de 2012, onde foi desenvolvido o levantamento bibliográfico, visando conhecer as contribuições dos teóricos sobre o fenômeno estudado. Já a permanência na escola campo ocorreu no 2º semestre do mesmo ano, mais precisamente no mês de agosto, onde se coletou os dados, observando minuciosamente o comportamento dos sujeitos, a relação estabelecida entre professor e aluno, a forma como o professor lida com as manifestações da indisciplina e os métodos utilizados pelo mesmo para assegurar a disciplina em sala de aula e na escola.

Para apresentar a trajetória desta pesquisa investigativa o texto monográfico encontra-se ordenado em sete partes: a introdução onde se desenvolveu os rumos da pesquisa, 5 capítulos que abordam a temática de estudo e a conclusão.

No primeiro capítulo encontra-se a "Introdução" onde está descrito todo o percurso realizado durante a elaboração deste trabalho monográfico.

O segundo capítulo trouxe "Uma visão sobre a indisciplina no contexto escolar", nesse momento, discorreu-se sobre a visão dos professores e alunos acerca da indisciplina escolar, o texto expôs os diferentes conceitos e interpretações definidos pelos diversos teóricos acerca do problema em questão e apresentou as causas e fatores que predispõem a indisciplina na escola.

O terceiro capítulo abordou "A indisciplina como consequência da dificuldade de aprendizagem dos alunos" onde se destacou a interferência da indisciplina no processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista, que devido às atitudes inadequadas como, desinteresse e dispersão o aluno pode apresentar dificuldades de aprendizagem.

O quarto capítulo intitulado "A influência do comportamento dos sujeitos na construção da disciplina escolar: diferentes posturas" apresentou o impacto da postura e das ações do professor para o disciplinamento dos alunos, enfatizando a necessidade de se estabelecer uma boa relação entre professor e aluno, a importância da participação da família na vida escola do filho e a relevância do trabalho desenvolvido pela escola para alcançar a disciplina.

O quinto item apresentou "A indisciplina como geradora da violência escolar" onde se ressaltou a necessidade de diferenciar indisciplina escolar e violência, para que assim seja possível identificar onde termina a indisciplina e começa a violência, o capítulo abordou

ainda, a questão da indisciplina como possível geradora da violência produzida no ambiente escolar.

"Um olhar sobre a indisciplina na realidade da Escola Mundo Encantado" é o 6º (sexto) capítulo onde foi caracterizado o campo de pesquisa, relatando a realidade em que a escola está inserida e apresentado os dados coletados na pesquisa de campo. Neste capítulo estão evidenciadas as percepções do supervisor, da gestora, das professoras e dos alunos sobre as manifestações de indisciplina, o que pensam, como agem e quais as providências sugeridas para o enfrentamento do problema.

O último capítulo sintetizou todo o trabalho realizado com algumas considerações sobre a pesquisa realizada e apresentou sugestões e contribuições para os problemas referentes ao tema estudado.

2 A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR

Os problemas relacionados ao fenômeno da indisciplina na sala de aula são cada vez mais frequentes e, para analisar essa temática é fundamental levar em consideração a visão dos professores e alunos sobre o tema em questão, pois se percebe que a visão que o professor tem a respeito da indisciplina diferencia-se da visão do aluno.

Referindo-se a isso, Rego (1996, p. 84) ressalta que, "[...] as idéias acerca da indisciplina estão longe de serem consensuais [...] a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas."

Em geral, ao analisar o comportamento dos alunos na sala de aula muitos professores reclamam da falta de limites, do desrespeito, das conversas paralelas, das brigas, etc. Esses são alguns dos elementos que traduzem a indisciplina escolar e acabam por dificultar o trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor e interferindo negativamente no processo de ensino e aprendizagem.

Nessa mesma direção, Rebelo (2002) faz importantes considerações a respeito da indisciplina escolar. A autora discorre sobre o tema, enfatizando-o em duas concepções de educação descritas por Freire.

A primeira concepção refere-se a "educação bancária". De acordo com esta concepção o aluno deve permanecer passivo e submisso ao professor, apenas recebendo os conhecimentos de forma mecânica, sem a oportunidade de expressar sua opinião e desenvolver a criatividade. Em nenhum momento a afetividade se faz presente no relacionamento professor e aluno, pois a relação se dá de forma vertical, onde o professor é visto como o superior e principal agente do conhecimento, sendo ele o único capaz de transmitir os conteúdos e valores necessários para o disciplinamento dos alunos. "Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador é o depositante." (FREIRE, 1987, p. 58).

Compreende-se, diante do exposto que, não há construção do conhecimento, o aluno apenas memoriza os conteúdos, tornando-se um sujeito passivo, sem autonomia própria e incapaz de superar as dificuldades e transformar a realidade no qual está inserido.

A disciplina na "concepção bancária" é vista como fator essencial para que os alunos tenham a oportunidade de assimilar os conteúdos satisfatoriamente. Porém, essa disciplina é imposta pelo professor com o intuito de assegurar o silêncio e a obediência dos alunos, garantindo assim a aprendizagem de todos os conteúdos estabelecidos pela classe dominante. No que se refere ao comportamento de cada aluno, ainda na visão "bancária", o

professor organiza a sala de aula em filas, fazendo com que estes sejam dispostos individualmente de forma a evitar conversas paralelas e proporcionar o desempenho pleno de sua prática.

Apesar dos avanços na educação, nota-se que a "concepção bancária" ainda reside na maioria das escolas, gerando, consequentemente manifestações de indisciplina, portanto os alunos que não aceitam as normas impostas pelo professor ou pela escola praticam ações contrárias e são taxados como indisciplinados.

Essa afirmação é ratificada nas falas de Rebelo, (2002, p. 49, grifo da autora) "Na 'concepção bancária' a *indisciplina escolar* é de responsabilidade apenas do aluno, pois sendo o professor a figura central do processo ensino-aprendizagem e o único detentor do saber, a ele, apenas, deve-se toda reverência."

Nesse sentido, o aluno é o único causador da indisciplina, pois à medida que este não se submete às imposições do professor, reage com atitudes que incomodam e ameaçam a ordem e o bom funcionamento da aula e da escola.

A segunda concepção de educação denomina-se "problematizadora". Diferentemente da primeira, nesta concepção a relação professor e aluno se estabelece de forma horizontal, onde ambos buscam o saber coletivamente, criando um espaço pedagógico e propício para a construção do conhecimento.

O professor na "concepção problematizadora" desenvolve sua prática de modo que os alunos possam expressar suas opiniões, havendo assim a troca de experiências o diálogo e a interação entre os sujeitos.

Nesse sentido, não assume uma postura central, mas exerce o papel de mediador entre o aluno e o conhecimento. A indisciplina do aluno nesta concepção não é entendida como transgressão às regras, mas pode indicar a revolta do mesmo perante os ensinamentos que estão sendo desenvolvidos na escola ou até mesmo, insatisfação diante da metodologia de ensino utilizada pelo professor.

Sendo assim, a indisciplina não é responsabilidade somente do aluno, mas abrange também o professor e a escola. Deste modo, entende-se que para minimizar os focos da indisciplina na sala de aula é fundamental que a escola apresente um trabalho pedagógico de acordo com a realidade vivenciada pelo aluno. Entretanto, é necessário fazer um alerta para que o professor não permaneça preso apenas nas necessidades de seus alunos e à realidade local, mas desenvolva um trabalho de conscientização global com o intuito de promover mudanças significativas na sociedade.

Nessa perspectiva, Rebelo (2002, p. 52, grifo da autora) afirma que:

> [...] a "concepção problematizadora" deve ser prática constante no espaço escolar como meio de superação da indisciplina, pois valorizando a relação professor-aluno, o pensar crítico e a construção coletiva, desenvolve-se a participação, a criatividade, o respeito, a cooperação, a tolerância e a conscientização das nossas possibilidades como seres participantes na construção do conhecimento do mundo, em busca de uma sociedade mais justa.

Observa-se diante do exposto, que a "concepção problematizadora" é uma visão de educação eficaz para a superação da indisciplina escolar, pois esta prioriza a importância da relação professor e aluno, bem como a necessidade do diálogo constante entre os sujeitos para que haja a efetiva construção e assimilação dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento de uma consciência crítica e reflexiva.

Diante da descrição das duas concepções "bancária" e "problematizadora" pôde-se constatar as profundas divergências entre elas e a necessidade de se superar essa visão de educação bancária e colocar em prática a educação problematizadora, com o intuito de proporcionar um ensino de qualidade e o acesso a conhecimentos significativos.

2.1 Conceitos e interpretações da indisciplina na sala de aula

Atualmente a questão da indisciplina escolar vem sendo palco de grandes discussões e debates entre professores, gestores, técnicos, família e comunidade em geral, isto tudo devido à complexidade do problema que tem se agravado nos últimos anos, tornando-se um dos maiores obstáculos pedagógicos dos dias atuais, pois além de prejudicar a ação do professor também interfere na efetiva aprendizagem do aluno.

Entretanto, apesar da seriedade do assunto, observa-se nos estudos já realizados sobre a temática certa dificuldade e falta de consenso em definir claramente o real significado do termo indisciplina ou disciplina, pois estes são interpretados por diversos autores com significados diferenciados e análises pautadas muitas vezes no senso comum.

Para Ferreira (2009, p. 685) o termo disciplina refere-se a um, "[...] regime de ordem imposta ou livremente consentida; ordem que convém ao funcionamento regular duma organização (militar, escolar, etc.); relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor; observância de preceitos ou normas; submissão a um regulamento."

Já o termo indisciplina relaciona-se ao "procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência, desordem; rebelião". (FERREIRA, 2009, p. 1096).

Com estas definições entende-se que o aluno disciplinado é aquele que simplesmente obedece às regras e normas impostas pelo professor ou pela escola na tentativa de assegurar o bom funcionamento da instituição, sem que o mesmo tenha a liberdade de

refletir sobre suas ações e atitudes praticadas no ambiente escolar. Fica claro, portanto, a submissão do aluno frente à figura do professor. E o aluno indisciplinado é visto como rebelde não aceita e nem se submete às regras e normas da escola.

Ao analisa-se o significado de disciplina e indisciplina através desta visão é necessário atentar para os prejuízos que serão acarretados na vida do aluno, pois se o mesmo é mantido em estado de obediência total em relação ao professor fica impedido de desenvolver uma autonomia crítica e reflexiva.

Ainda sobre o conceito de disciplina, Vasconcellos (2009, p. 90) afirma que "Quando se pensa em disciplina no âmbito escolar, a ideia primeira costuma ser de condições para que o trabalho pedagógico – que é coletivo, sistemático e intencional – se dê de forma satisfatória." Nesse sentido, fica explícita a necessidade de se obter a disciplina no ambiente da sala de aula para que assim, o professor tenha oportunidade de desenvolver um trabalho eficaz, de modo a oferecer para os alunos uma aprendizagem significativa.

La Taille (1996) também faz importantes considerações a respeito da complexidade e, até mesmo das ambiguidades existentes quando se trata do problema da indisciplina. Em suas considerações acerca do tema ele sugere a seguinte reflexão:

> De fato, o que é disciplina? O que é sua negação, *in*disciplina? Não é tão simples. Se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações. (p. 10, grifo do autor).

Compreende-se diante do exposto, que o comportamento indisciplinado do aluno é na verdade uma resposta para a não-aceitação das normas, que são elaboradas e estabelecidas sem levar em consideração as necessidades dos alunos. É verdade também que às vezes essas normas não são explicadas de forma clara por serem consideradas "óbvias demais" e acabam sendo infligidas pelos sujeitos do processo.

Referindo-se também sobre a questão da disciplina na escola Rego (1996, p. 85), apresenta uma visão bastante difundida no meio educacional onde a "disciplina parece ser vista como obediência cega a um conjunto de prescrições e, principalmente, como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola." Dessa forma, as regras impostas pela escola são obedecidas cegamente pelo aluno que permanece passivo e silencioso, sem manifestar qualquer tipo de comportamento considerado impróprio e prejudicial para o funcionamento regular da instituição.

Partindo dessa mesma análise, a autora compreende a indisciplina como "um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na 'falta

de educação ou de respeito pelas autoridades', na bagunça ou agitação motora." (REGO, 1996, p. 85, grifo da autora). Qualquer manifestação feita pelo aluno considerada inadequada aos comportamentos desejados pela escola é entendida como uma ação indisciplinada que deve ser reparada para que haja o efetivo cumprimento das regras.

Observa-se que Parrat-Dayan (2011, p. 18), comunga da mesma ideia, quando este afirma que "[...] o conceito de indisciplina é definido em relação ao conceito de disciplina, que na linguagem corrente significa regra de conduta comum a uma coletividade para manter a boa ordem e, por extensão, a obediência à regra." Sendo assim, a noção de disciplina está relacionada à obediência às regras que são estabelecidas pela escola, enquanto que a indisciplina é vista como desobediência a essas regras.

Para Antunes (1999, p. 84, grifo do autor) "[...] uma *classe disciplinada é toda aquela que ofereça ao professor oportunidades adequadas para o desenvolvimento do seu processo de ajuda na construção do conhecimento e no desenvolvimento de habilidades e atitudes socialmente aceitas por parte dos alunos.*"

Nesse sentido, a classe disciplinada é aquela onde o professor pratica sua ação pedagógica efetivamente e contribui para que o aluno tenha a possibilidade de assimilar ativamente os conteúdos disciplinares e desenvolver habilidades e competências necessárias para a vivência em sociedade.

Diante da diversidade de características que o fenômeno apresenta é necessário atentar para as informações que são transmitidas através do ato indisciplinado e não apenas para visualizar uma possível rejeição às regras. De acordo com Fortuna (2002, p. 89), "Mais do que descumprir regras, a indisciplina pode significar um rico manancial de informações sobre como os alunos vivem a escola e seus conteúdos."

Nesse sentido, o comportamento indisciplinado do aluno pode ser entendido como uma resposta ao poder disciplinador exercido pelo professor, aos conteúdos desligados da realidade e com pouca significância ou revelar ainda as falhas cometidas pela escola ao não atender as necessidades de sua clientela.

Quando se analisa as expressões de indisciplina na sala de aula é muito comum os professores atribuírem a originalidade do problema exclusivamente à figura do aluno, sendo este o único causador e responsável pela existência do fenômeno. Entretanto, essa visão ingênua e equivocada precisa ser superada, visto que as causas da indisciplina traduzem-se de diversas maneiras e podem residir não apenas na atitude do aluno como também na postura do professor ou até mesmo pela ação da escola.

Sob a perspectiva do aluno, a indisciplina surge quando este é desrespeitoso, bagunceiro, não participa das atividades em sala de aula, briga com os colegas, estraga o material escolar, é incapaz de se organizar e de se relacionar de acordo com as regras estabelecidas. O aluno indisciplinado caracteriza-se, portanto, como aquele que perturba a ordem e o bom funcionamento da instituição, interferindo no trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor.

A indisciplina é gerada também devido à postura do professor, no momento em que este desenvolve atitudes autoritárias e subversivas na sala de aula, insiste em um ensino tradicional, não promove mudanças na prática de ensino, faz exigências difíceis de serem cumpridas e aplica castigos. Agindo assim, o próprio professor torna-se agente indisciplinado, pois não se relaciona adequadamente com seus alunos e nem estabelece um clima de cooperação, coletividade e reciprocidade entre eles.

Os atos de indisciplina podem residir, ainda, na ação da escola, na medida em que esta impõe uma série de regras e normas geralmente desconhecidas pelos alunos e desconsiderando totalmente a opinião destes sobre elas.

Referindo-se a isso, Vasconcellos, (2000, p. 42) diz que, "a disciplina consciente e interativa, portanto, pode ser entendida como o processo de construção da auto-regulação do sujeito e/ou grupo, que se dá na interação social e pela tensão dialética adaptação-transformação, tendo em vista atingir conscientemente um objetivo."

Portanto, para a construção da "disciplina consciente e interativa" em sala de aula é imprescindível que todos os agentes do ambiente escolar tenham consciência da importância do seu papel nesse processo de construção e possam participar coletivamente de forma ativa e responsável, atingindo assim, os objetivos almejados pela escola.

Superar a indisciplina e estabelecer a disciplina é uma tarefa que pede extrema urgência. Entretanto, é necessário superar a ideia de disciplina como estabelecimento da ordem e, consequentemente, obediência às regras, já que a definição de disciplina vai muito além desses aspectos.

Para Koff e Pereira (2011, p. 149), "O conceito de disciplina, [...] se relaciona com a organização para o trabalho escolar, seus objetivos e estratégias de desenvolvimento. Diz respeito, consequentemente, a comportamentos e atitudes que promovam uma aprendizagem eficiente."

Nessa perspectiva, a disciplina torna-se, portanto, uma ferramenta essencial para a eficácia do trabalho escolar, alcançando os objetivos propostos e oportunizando aos alunos conhecimentos significativos para a vida em sociedade.

A indisciplina escolar é um problema sério marcado por uma multiplicidade de significados e interpretações. O que é visto como uma conduta indisciplinada por um professor pode não ser considerada por outro. Se para um professor um aluno indisciplinado é aquele que realiza atos de vandalismo na sala de aula, para outro a indisciplina se caracteriza por conversas paralelas e agitação.

Não há, portanto, um significado pronto e acabado capaz de caracterizar claramente o conceito de disciplina e/ou indisciplina, pois se trata de um fenômeno que sofre profundas mudanças ao longo da história, nas diferentes culturas e classes sociais. Enfim, através dos conceitos apresentados percebe-se que a disciplina ou indisciplina na escola é interpretada de forma diferenciada, sob diferentes contextos e sujeitos.

2.2 Causas e fatores que predispõem à indisciplina

A indisciplina escolar constitui-se atualmente como uma das maiores dificuldades encontradas por muitos professores para a efetiva realização da prática educativa. Diante desse fenômeno, professores, gestores e pais procuram respostas que possam explicar a existência desse problema. Por que a indisciplina encontra-se tão presente na sala de aula? Quais as suas causas? Como superá-la? É importante compreender que a indisciplina escolar não apresenta uma causa única, mas um conjunto de causas e fatores diversos profundamente entrelaçados entre si, tornando o problema muito mais complexo e de difícil solução.

De modo geral, as diversas causas que predispõem a indisciplina podem ser reunidas em dois grupos: causas externas e internas à escola. No primeiro, encontram-se as relações familiares e com outros grupos sociais, a influência da mídia, o reflexo da pobreza e da violência presentes na sociedade, dentre outros. No segundo grupo pode-se destacar a relação professor e aluno, a estrutura da escola, o processo ensino-aprendizagem, as regras e normas estabelecidas e a organização do currículo. Todos esses fatores externos ou internos à escola influenciam significativamente na incidência de comportamentos indisciplinados.

Na opinião de Vasconcellos (2000, p. 55, grifo do autor), “as causas da indisciplina podem ser encontradas em cinco grandes níveis: **Sociedade, Família, Escola, Professor e Aluno.**” Entretanto, o autor alerta que tais níveis não podem ser analisados isoladamente, além disso, todos estão intimamente ligados, sendo que a diferença encontra-se apenas no “grau de importância” ou de “determinação” de cada nível.

Sendo assim, a partir destes cinco níveis busca-se a seguir, determinar as diferentes causas e sujeitos que contribuem para a existência de atos caracterizados como indisciplinados na escola.

> [...] o comportamento indisciplinado está diretamente relacionado a uma série de aspectos associados à ineficiência da prática pedagógica desenvolvida, tais como: propostas curriculares problemáticas e metodologia que subestimam a capacidade do aluno, [...], cobrança excessiva da postura sentada, inadequação da organização do espaço da sala de aula e do tempo para realização das atividades, excessiva centralização na figura do professor [...] constante uso de sanções e ameaças visando ao silêncio da classe, pouco diálogo, etc. (REGO, 1996, p. 100).

Diante do exposto, depreende-se que em muitos casos, a má formação docente e como consequência a ineficiência da prática pedagógica são fatores geradores da indisciplina dos alunos, tendo em vista a multiplicidade de atividades desenvolvidas pouco significativas e não condizentes com as necessidades, interesses e possibilidades do aluno.

Geralmente, os professores preocupam-se tanto com questões relativas ao disciplinamento dos alunos que acabam deixando de lado a tarefa mais importante: oferecer aos alunos conteúdos significativos.

Entretanto, para o efetivo cumprimento dessa tarefa é necessário que o professor atualize seus conhecimentos, busque a formação contínua, enfim, tenha a consciência de que os conhecimentos aprendidos durante a sua formação inicial não são suficientes para o exercício diário da sua profissão.

Faz-se necessário construir uma proposta adequada de trabalho, com metodologias e recursos diferenciados, visando propiciar aos alunos uma aprendizagem consistente e motivacional que favoreça a participação de todos no processo ensino e aprendizagem.

Outro fator determinante da indisciplina escolar citado por Rebelo (2002, p. 68, grifo da autora) diz respeito à própria "*resistência do professor* frente às propostas novas, e também em aceitar suas ações junto aos alunos." Pois apesar das mudanças ocorridas no ambiente escolar, muitos professores ainda permanecem no ensino tradicional, recusando-se a desenvolverem novas propostas educativas que propiciem aos alunos uma aprendizagem significativa.

Rebelo (2002), aponta ainda que as possíveis causas da indisciplina podem ser atribuídas à questão do currículo escolar, pois muitas vezes funciona como elemento de "controle social", "fechado" e "estático".

Em consonância com as ideias da autora, Vasconcellos (2000, p. 62, grifo do autor) afirma que:

> É muito comum, [...] encontrarmos nas escolas propostas curriculares que são anacrônicas, desarticuladas. Isto não favorece um ensino participativo e significativo. Os programas têm funcionado, na prática, como verdadeiros dogmas que precisam ser cumpridos "custe o que custar", mesmo quando este custo implique na não aprendizagem por parte dos alunos...

Nessa perspectiva, o currículo escolar acaba por prejudicar a formação do aluno, pois não são consideradas as suas necessidades básicas e nem o seu grau de desenvolvimento. O professor segue o currículo copiosamente e em nenhum momento procura refletir sobre os objetivos e metas propostos, sobre a eficiência do seu trabalho, nem sobre os resultados obtidos.

Entende-se, diante do exposto que, para diminuir as incidências da indisciplina é fundamental que esta concepção de currículo fechado e estático seja superada. É necessário desenvolver novas propostas educativas, com atividades diversificadas, tendo em vista a participação ativa do aluno e sua referida autonomia.

Rebelo (2002), cita ainda a falta de interesse das políticas públicas educacionais como sendo também responsáveis pela indisciplina escolar, haja vista o descaso com a educação que se reflete em elementos como: falta de manutenção dos prédios e equipamentos da escola, ausência de cursos para formação continuada, falta de recursos pedagógicos para o efetivo desenvolvimento das aulas, verbas mal aplicadas, péssimas condições de trabalho e de salário para os professores, dentre outros.

Nesse sentido, para que haja a efetiva construção da disciplina na escola é fundamental que as políticas públicas da educação cumpram seu papel e comprometam-se com melhorias na qualidade do ensino, visando à construção de uma escola pública democrática.

Outro fator capaz de justificar as causas da indisciplina escolar está relacionado à idade dos alunos. Sabe-se que as expressões de indisciplina estão presentes em todos os níveis e modalidades de ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Entretanto, as estratégias para lidar com esse problema variam conforme a faixa etária, pois as necessidades e expectativas de um aluno na Educação Infantil diferenciam-se de um aluno que esteja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio.

Antunes (1999, p. 91, grifo do autor) ratifica essa afirmação quando diz que:

> Cada faixa etária requer técnicas específicas, mas, para todas elas, constituem requisitos essenciais a paciência, a competição profissional, a dedicação, a tolerância e a serenidade do professor. A escola, portanto, precisa perder essa vontade ingênua de pretender que "todos sejam iguais" e assumir as diferenças etárias, emocionais e intelectuais de seus alunos, além de aprender a conviver com elas.

Fica evidente, portanto, a importância de o professor desenvolver posturas de disciplinamento diferenciadas, tendo em vista o fator etário e principalmente os fatores condicionantes e específicos de cada idade. O trabalho desenvolvido pela escola deve levar em consideração as características individuais e o grau de desenvolvimento de cada aluno, pois todos são diferentes e assimilam conteúdos de forma diferenciada.

Referindo-se à organização da escola atual, Furlani (2001, p. 52), cita alguns elementos que contribuem para a ocorrência da indisciplina na sala de aula, dentre eles:

> [...] a situação dos professores que correm de uma escola para outra, sem tempo para si mesmos, para a integração pedagógica e muito menos para a preparação dos fatores materiais, físicos e pedagógicos envolvidos numa aula. Além disso, os curtos períodos de aula, as cronologias rígidas, o gregarismo muitas vezes forçado atuam contra a concentração prolongada dos alunos, e os períodos necessários de reflexão de que necessitariam.

Vive-se atualmente numa sociedade capitalista caracterizada pelo consumo e produção de bens e, diante dessa nova realidade muitos professores se dispõem a trabalhar em dois ou três empregos para sustentar um padrão de vida estável e garantir assim sua sobrevivência.

O professor, frente a essa vida atribulada e corriqueira, acaba não tendo tempo para planejar suas aulas e consequentemente a motivação e a concentração dos alunos fica reduzida, o que acaba por contribuir para o surgimento de condutas indisciplinadas. Nesse sentido, percebe-se a importância de repensar a forma de organização da escola, bem como a necessidade de criar melhores condições de trabalho e remuneração digna para os professores.

Diante dos diversos fatores citados acima pode-se afirmar que as causas que predispõem a indisciplina são várias e difíceis de serem enumeradas, todavia, essas causas podem ser atribuídas aos aspectos de natureza: familiar, cognitiva, social, psicológica, biológica, etc.

Como afirma Parrat-Dayan (2011, p. 100):

> O estudo da indisciplina na aula requer muita pesquisa. Um desses estudos deveria analisar os múltiplos aspectos de maneira conjunta, por exemplo, as estruturas de poder na escola, as pressões, as expectativas dos pais, as concepções dos professores com relação à construção de conhecimentos, etc.

É necessário que o professor leve em consideração todos esses aspectos com o intuito de verificar onde reside o principal foco da indisciplina na sala de aula, procurando desenvolver estratégias eficientes capazes de minimizar o problema. Nessa perspectiva está contribuindo para a construção dos conhecimentos necessários e imprescindíveis para o desenvolvimento de habilidades e competências dos alunos.

3 A INDISCIPLINA COMO CONSEQUÊNCIA DA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

No contexto da sala de aula o professor procura oferecer aos alunos os conhecimentos necessários para que estes desenvolvam competências, tenham êxito nas atividades e sejam aprovados. Entretanto, durante o processo de ensino e aprendizagem, alguns apresentam dificuldades em assimilar os conteúdos e muitas vezes são rotulados como preguiçosos e desinteressados.

Diante dessa situação é fundamental que o professor tenha cuidado e seja mais atencioso durante o desenvolvimento das atividades, para que assim possa detectar se as manifestações de indisciplinas são passageiras ou frequentes na sala de aula, isso porque, as dificuldades de aprendizagem dos alunos estão associadas não somente aos fatores cognitivos como também podem estar relacionadas a outros aspectos que contribuem no desenvolvimento do aprendizado como: fome, cansaço, preguiça, desânimo, problemas de familiares ou de saúde, entre outros.

Em geral, o professor é um dos principais agentes capazes de identificar os problemas de aprendizagem dos alunos, porém, é importante ressaltar que o mesmo não tem habilidade para diagnosticar o problema, pois este diagnóstico deve ser feito pelo psicopedagogo da escola ou psicólogos. Sendo assim, o professor precisa estar atento, observando o desempenho do aluno e desenvolvendo atividades que sejam dinâmicas e contribuam para o processo de aprendizagem dos alunos.

As dificuldades de aprendizagem apresentam-se atualmente como um dos principais problemas da educação, sendo objeto de indagação por parte de toda a comunidade escolar. Devido aos diversos fatores que contribuem para a existência do problema, os profissionais da educação encontram dificuldades para desenvolver estratégias que possam minimizar ou até mesmo solucionar o problema.

Além disso, as dificuldades de aprendizagem também têm sido apontadas como uma das causas que podem levar o aluno ao fracasso escolar, tendo em vista que quando o aluno possui dificuldade em aprender os conteúdos, pode demonstrar falta de interesse e atenção, sentindo-se rejeitado e frustrado e consequentemente apresentará um baixo rendimento escolar.

Para amenizar essa situação é imprescindível que o professor leve em consideração as características individuais dos alunos, respeitando a forma de aprender de cada um. O professor deve desenvolver métodos diversificados, mas tendo sempre a

consciência de que esses métodos podem favorecer o aprendizado de alguns alunos e de outros não. É isso que afirma Jardim (2005, p. 118): “Os professores terão de aceitar que não há métodos bons e métodos maus. Há métodos que servem para umas crianças e não servem para outras. Não é porque uma criança não aprende com um método, que se concluirá que ela não aprenderá.”

Na sala de aula alguns alunos manifestam ações indisciplinadas e na maioria dos casos, apresentam dificuldades de aprendizagem, pois não possuem comportamento igual aos demais, são desatenciosos, desrespeitosos e acabam interferindo na prática de ensino do professor. Frente a esse problema faz-se necessário o desenvolvimento de uma nova postura por parte do professor, pautada em metodologias, propostas e recursos diferenciados com o intuito de motivar e instigar os alunos pela busca do conhecimento.

Na visão de Aquino (1996, p. 52):

> Crianças e jovens, por incrível que pareça, são absolutamente ávidos pelo saber, pelo convite à descoberta, pela ultrapassagem do óbvio, desde que sejam convocados e instigados para tanto. Tudo depende, pois, da proposta por meio da qual o conhecimento é formulado e gerenciado nesse microcosmo que é cada sala de aula. Entretanto, a tarefa é intrincada pois pressupõe sempre um recomeço, a cada aula, cada turma, cada semestre.

Sendo assim, o trabalho do professor não envolve apenas a transmissão dos conteúdos como também a reavaliação constante de sua atuação na sala de aula, analisando as reais dificuldades que estão interferindo na aprendizagem dos seus alunos, inclusive os problemas relacionados à indisciplina. Entretanto, vale ressaltar que o professor não poderá curá-los, mas terá a possibilidade de criar um ambiente favorável, onde a participação, o diálogo, o respeito mútuo e a confiança estejam presentes, diminuindo assim os focos da indisciplina e, consequentemente, reduzindo as dificuldades de aprendizagem dos alunos.

De fato, a indisciplina escolar tem aumentado tanto nas escolas da rede pública quanto da privada, somando-se a isto, nota-se também um baixo desempenho escolar, talvez devido às manifestações de indisciplina os professores sintam dificuldades de ensinar e os alunos de aprender, causando-se prejuízos ao processo ensino e aprendizagem. Porém, no meio educacional há exceções onde comprovam que nem sempre o aluno indisciplinado apresenta dificuldades de aprendizagem, além disso, às vezes, apesar do mesmo ser considerado indisciplinado, consegue assimilar os conteúdos ministrados pelo professor de forma significativa, não interferindo assim no seu desempenho escolar.

No que se refere à indisciplina e as dificuldades de aprendizagem existem três fatores que podem contribuir positiva ou negativamente para a efetivação da aprendizagem.

Estes fatores englobam três aspectos: problemas relacionados à família, à escola e a própria criança.

A família contribui para o desempenho escolar do aluno na medida em que estimula e auxilia o mesmo a realizar as atividades escolares, valoriza o estudo e a importância da aquisição do conhecimento, porém pode prejudicá-lo, quando não impõe limites, ausenta-se da escola e transfere suas responsabilidades para o professor.

Já a escola, pode influenciar no rendimento escolar do aluno quando oferece conteúdos condizentes com a realidade do mesmo, apresenta uma estrutura adequada, proporciona a participação e o envolvimento dos sujeitos.

Quanto à criança, esta também pode promover sua própria aprendizagem a partir do momento em que demonstra interesse pelas aulas, participa, interage e cumpre com suas obrigações de comprometer-se pela busca contínua de uma aprendizagem significativa. Portanto, esses aspectos quando bem trabalhados podem tornar-se estratégias eficazes para minimizar o problema da indisciplina e construir a disciplina na sala de aula.

Segundo Vasconcellos (2009, p. 227, grifo do autor):

> Cresce entre os docentes a consciência da necessidade de enfrentar o conflito ou os indícios de indisciplina logo no começo, assim que se manifestam. Há professores que, preocupados em "não perder tempo", não param para analisar o que se passa e acabam perdendo praticamente todo o tempo durante o ano.

Nesse sentido, fica explicito a falha de alguns professores preocupados apenas com questões referentes aos conteúdos, acabam não levando em consideração certos comportamentos apresentados pelos alunos, como desinteresse e dispersão e dessa forma o problema se estende ainda mais, o que poderia ser visto em um único aluno passa a afetar a maioria dos alunos e o professor por não estar preparado para resolução do problema acaba interferindo no seu trabalho.

Existem situações em que o comportamento indisciplinado do aluno bem como o desinteresse do mesmo pelas aulas pode estar relacionado à ausência de sentido dos conteúdos que são expostos pelo professor.

Para Vasconcellos (2009, p. 150) é importante:

> Resgatar a significação dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula é indispensável, embora não seja tarefa tão simples, uma vez que, não raro, o próprio professor não domina o sentido maior daquilo que ensina; não por culpa, mas pela precária formação que teve, cujos conteúdos também foram jogados ou pela pressão dos exames e vestibulares, que acabam impondo um programa.

Assim, para superar a crise da disciplina escolar e motivar os alunos para o estudo é fundamental atribuir significados para os conteúdos que são propostos na sala de aula.

Porém, às vezes o próprio professor não sabe atribuir significados relevantes para o conteúdo ministrado e isso pode ser consequência de falhas em sua formação inicial.

Muitos professores acreditam que o silêncio e a passividade são condições necessárias para a efetiva aprendizagem dos alunos, porém, sabe-se que as conversas paralelas são praticamente inevitáveis no ambiente da sala de aula. Diante dessa circunstância, o professor deve ter habilidade em direcionar as conversas para o conteúdo que está sendo ministrado.

Como descrito por Antunes (1999, p. 85, grifo do autor):

> O silêncio dos alunos é indiscutivelmente, desejável em uma aula, mas suas conversas se devidamente controladas e estabelecidas em momentos especificamente comandados ou permitidos pelos professores, não significam necessariamente "indisciplina" nem constituem uma ameaça ao trabalho docente bem feito.

Nessa perspectiva, pode-se constatar que muitas vezes as conversas paralelas existentes durante as aulas não representam necessariamente condutas indisciplinadas e nem interferem a prática pedagógica do professor, pois se as mesmas forem controladas e utilizadas em benefício da aula, o aluno terá a oportunidade de interagir, relatando suas experiências e dessa maneira terá uma aprendizagem satisfatória.

Para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça de forma proveitosa é necessário que o professor tenha autoridade na sala de aula sem confundir esta, com autoritarismo. O professor precisa deixar claro para os alunos as razões pelas quais exerce a sua autoridade na sala de aula, demonstrando para os mesmos que sua autoridade não advém do fato de ser superior ou até mesmo por prazer, mas porque busca atingir um objetivo maior que é contribuir para a construção de sujeitos críticos e reflexivos.

É evidente que em muitos casos a indisciplina pode interferir no processo de ensino e aprendizagem e causa enormes prejuízos tanto para o professor quanto aos alunos. Nesse sentido, ao detectar possíveis mudanças de comportamento, dispersão e desinteresse dos alunos é imprescindível que o professor procure identificar os reais motivos causadores das dificuldades de aprendizagem, pois estas também podem ser consequências da ineficiência da prática pedagógica do professor, sendo assim, é fundamental que este procure mudar sua forma de ensinar, desenvolvendo atividades estimulantes que promovam melhorias na qualidade do ensino.

4 A INFLUÊNCIA DO COMPORTAMENTO DOS SUJEITOS NA CONSTRUÇÃO DA DISCIPLINA ESCOLAR: diferentes posturas

Em função da crise disciplinar presente na escola, atualmente o professor tem dificuldades para concretizar sua ação pedagógica na sala de aula, pois não sabe como administrar o ato indisciplinado e diante do problema apresenta diferentes posturas.

Existem os professores liberais que não se preocupam com o aprendizado do aluno, dando atenção somente para aqueles que demonstram algum interesse pela aula, esquecendo totalmente os demais. Permitem qualquer tipo de comportamento inadequado dos alunos por medo de serem rotulados como professores tradicionais e com isso perdem sua autoridade na sala de aula.

Há também aqueles que assumem a postura de conformados aceitando o ato indisciplinado como algo comum e natural no ambiente escolar, não desenvolvendo nenhuma estratégia eficiente para superação do problema. E também, os acusadores, representados por aqueles que se ausentam da responsabilidade perante a indisciplina, transferindo a culpa para terceiros e, eximindo-se totalmente dela.

Nas interações estabelecidas no ambiente escolar, o comportamento e as atitudes do professor na sala de aula podem influenciar positiva ou negativamente na ocorrência de condutas indisciplinadas dos alunos, tendo em vista que com o desenvolvimento de uma postura correta e equilibrada o professor pode contribuir para a construção da disciplina escolar. Pois este está presente cotidianamente com os alunos no local onde o fenômeno da indisciplina se manifesta, nesse sentido, o professor torna-se a pessoa mais propícia e preparada para promover a mudança em sala de aula.

Entretanto, para que haja a concretização dessa mudança, o professor precisa analisar e refletir sobre o impacto do seu comportamento e de suas ações para o desenvolvimento integral do aluno. O professor deve ainda, adotar uma postura inovadora e democrática criando situações estimulantes que instiguem o aluno a buscar o conhecimento e desenvolver o espirito crítico e autônomo de verdadeiros cidadãos atuantes na sociedade.

Sobre isso, Parrat-Dayan (2011, p. 129) assinala que:

> A função do professor não é fácil porque tanto o conhecimento quanto a disciplina na aula devem ser construídos por um sujeito que é ativo. Sua tarefa é a de saber escolher e criar situações nas quais o aluno aprenda a partir da sua própria experiência. Por seu lado, o aluno aprende a ser cada vez mais autônomo e a dominar cada vez melhor as situações.

Outro elemento importante para o estabelecimento da disciplina diz respeito à forma como o professor lida com as situações de conflito desencadeadas em sala de aula. Em

geral, quando surge o conflito é tarefa do professor adotar as medidas cabíveis para solucioná-lo, desconsiderando totalmente a capacidade dos alunos de resolverem a situação sem a intervenção de um adulto. Esse comportamento do professor não é adequado, o ideal é permitir que os próprios alunos tivessem um dialogo entre si para discutir coletivamente, a solução mais adequada para erradicar o conflito, o que consequentemente estará contribuindo para o desenvolvimento de sujeitos com autonomia própria.

Isso não significa que o professor deve permanecer omisso perante as situações conflituosas, sua função é mediar e auxiliar os responsáveis pela ação dos conflitos vivenciados em sala da aula. “Diante disso, o professor mediador é um facilitador do processo da mediação, objetivando principalmente a cooperação e a corresponsabilidade das partes envolvidas para a solução do conflito.” (SCHEMES, 2011, p. 5).

Além do professor, o comportamento do aluno também influencia na construção da disciplina no âmbito escolar, sendo que a concretização da disciplina não é responsabilidade apenas do professor. É necessário que os alunos tenham conhecimento dos seus direitos e deveres, tendo consciência de que para reclamar seus direitos precisam primeiramente cumprir com seus deveres. É imprescindível também a participação ativa do aluno durante as aulas, para que assim possa questionar, expressar e ouvir opiniões.

A disciplina pode ser obtida em sala de aula na medida em que o aluno aprende a respeitar o professor e seus colegas, estabelecendo uma relação de cooperação e cumplicidade entre os sujeitos.

Sobre isso, Vasconcellos (2000) ressalta que a postura do professor diante das situações de conflito na sala de aula deve abranger dois aspectos: diálogo e esgotar as possibilidades no âmbito de ação.

Para o autor, o diálogo é um aspecto imprescindível para o enfrentamento da indisciplina na sala de aula, pois através do mesmo, torna-se possível compreender a natureza do problema e dessa forma conhecer as causas que levam o aluno a apresentar comportamentos indesejáveis.

Entretanto, a resolução do problema nem sempre terá êxito agindo na coletividade, além disso, existem alunos que precisam de uma atenção particular, sendo necessário desenvolver um trabalho individual com o intuito de obter uma melhor interação entre os envolvidos.

Nessa mesma direção, Vasconcellos (2000, p. 92) ressalta que:

> O diálogo, portanto, deve ser desarmado: não acusatório, não moralista, não ameaçador; deve ser investigativo, estar atento ao outro, tentar compreendê-lo. O professor precisa ser ajudado tanto na sua formação, quanto no apoio e nas condições objetivas de trabalho para poder dialogar autenticamente: saber ouvir, deixar o outro se expor, respeitar, não reprimir a eventual raiva por parte do aluno.

Fica evidente, a importância do diálogo durante os conflitos existentes em sala de aula, haja vista, que através do mesmo, tanto o professor como o aluno tem a oportunidade de expressar seus anseios, necessidades e expectativas. É importante ressaltar ainda que, o diálogo deve fluir naturalmente, evitando-se possíveis acusações entre os sujeitos e respeitando-se a opinião de cada um.

O referido autor ressalta também, que além do diálogo é necessário ainda esgotar as possibilidades no âmbito da ação perante as situações de conflitos, ou seja, quando surgir problemas de indisciplina na sala de aula, o professor deve utilizar todos os meios e estratégias que dispõe para resolvê-lo na turma e não direcionar logo de imediato para a direção ou coordenação,

"Se emergiu um conflito em sala de aula, é ali que deve ser tratado; quando, por exemplo, o professor manda o aluno para a direção, fica uma situação muito artificial: o conflito não é entre o aluno e a direção, mas entre aluno, professor e o coletivo de sala." (VASCONCELLOS, 2000, p. 92).

A escola também pode evitar os conflitos ocorridos em sala de aula, na medida em que propicia situações de maior envolvimento e interação entre o professor e o aluno, desenvolvendo uma relação de respeito e reciprocidade mútua.

Enfim, diante das manifestações de indisciplina é fundamental que o professor procure refletir sobre sua postura, pois muitas vezes, a origem do problema pode está relacionado ao comportamento deste na sala de aula. O professor precisa compreender que para obter a disciplina dos alunos não é necessário adotar posturas tradicionais ou liberais, mas saber articular sua ação pedagógica e suas atitudes de acordo com as necessidades individuais e coletivas dos alunos.

4.1 A relação professor e aluno

As expressões de indisciplina representam atualmente uma crise instalada na escola, causando diversas interferências negativas no processo ensino e aprendizagem e sendo

inclusive o temor de muitos professores ao assumirem uma sala de aula devido ao mau comportamento dos alunos.

Segundo Aquino (1996, p. 7), "a maioria dos educadores não sabe ao certo como interpretar e/ou administrar o ato indisciplinado. Compreender ou reprimir? Encaminhar ou ignorar?" Diante de tantas indagações e da complexidade que o tema apresenta, fez-se necessário analisar a questão sob a perspectiva da relação professor e aluno.

É fato que as relações estabelecidas entre o professor e o aluno sofrem mudanças consideráveis com o passar do tempo. Diante das transformações sociais, culturais e tecnológicas surge também um novo perfil de aluno, com expectativas e anseios diferentes daqueles de outrora.

Nesse sentido, o professor deve assumir também uma nova postura com o intuito de atender as necessidades do aluno e as exigências da sociedade globalizada. Porém, sabe-se que muitos professores não assumem uma posição inovadora, mantêm-se rígidos em seu lugar de autoridade e como resposta a esse comportamento tradicional podem surgir manifestações de indisciplina por parte dos alunos.

Segundo Furlani (2001), existem três concepções distintas, adotadas pelo professor que caracterizam a forma como este compreende a disciplina, bem como as estratégias adotadas visando à ocorrência de comportamentos adequados dos alunos.

Na primeira concepção o professor assume a postura de controlador da expressão dos alunos. É visto como autoridade maior, "privilegia como valores do disciplinamento a aceitação, a obediência, o respeito e a dependência do aluno." (FURLANI, 2001, p. 45). Nesta concepção de disciplina o professor permanece estático, desatualizado, não modifica a prática pedagógica e consequentemente prejudica a efetiva aprendizagem. Em nenhum momento são considerados os conhecimentos prévios do aluno, pois o trabalho do professor está voltado para o controle dos comportamentos inadequados do mesmo.

Na segunda concepção o educador exerce o papel de "facilitador de desempenhos adequados dos alunos, a disciplina não diz respeito apenas ao aluno, que é ou não indisciplinado, mas está associada com o autodomínio de professores e alunos em sala de aula." (FURLANI, 2001, p. 47). Privilegia-se, portanto, as potencialidades dos alunos e não seus possíveis fracassos. O professor facilitador utiliza-se de meios e estratégias diversificadas que visam o trabalho coletivo na escola, afirmando-se a eficiência e a importância da relação professor e aluno para o processo de ensino e aprendizagem.

A terceira concepção é conhecida como ausência de disciplinamento. "O professor opta, assim, pelo caminho de ignorar uma postura inadequada, quando seria necessário

corrigir esses comportamentos." (idem p. 49). Esta concepção é comumente adotada quando o professor transfere a responsabilidade para o grupo de alunos, apresentando-se como um sujeito passivo e omisso o que consequentemente contribui para o desenvolvimento de uma postura sem limites, desatenciosa e agressiva que caracterizam a indisciplina dos alunos.

A relação pedagógica estabelecida entre o professor e seus alunos deve estar pautada na intencionalidade do processo educativo, para que alcance os objetivos propostos, nesse sentido, é importante que se desenvolva um trabalho voltado para as necessidades reais dos alunos. Entretanto, para que essa relação pedagógica se concretize no ambiente da sala de aula é necessário que o professor exerça a função de mediador e considere os conhecimentos prévios que o aluno possui.

Além disso, é importante compreender que essa relação não é apenas pedagógica é também afetiva, isto porque a aprendizagem do aluno não ocorre apenas pela ação de ensinar do professor, mas também através dos vínculos estabelecidos entre ambos. Porém, sabe-se que essa relação afetuosa entre os sujeitos é inexistente e como forma de confrontar o professor os alunos manifestam comportamento indisciplinados.

Para interpretar a natureza do problema disciplinar é importante compreender que a relação professor e aluno é composta por sujeitos diferentes, com pensamentos, atitudes e expectativas diferenciadas, isso porém, não significa que ambos são incapazes de conviver, pois na medida em que o professor aceita e respeita os alunos que possui, não considerando-os como pequenos adultos, torna-se possível a interação.

Na visão de Turra e Viesser (2002, p. 74) "Exigir um comportamento de adulto é desconhecer o modo como as crianças elaboram suas hipóteses sobre o conhecimento. Saber entender o procedimento de uma criança ao aprender, equilibrar-se com seu esforço, com o empenho pessoal é atitude correta de um bom educador."

Sendo assim, o professor precisa superar a ideia equivocada de idealizar nas crianças comportamentos de adultos, tendo em vista que os alunos apresentam posturas e atitudes diferenciadas e assimilam os conhecimentos de uma forma própria e singular, diante dessa circunstância o professor precisa ter habilidades para saber compreender a forma como os alunos aprendem os conteúdos e a partir disso desenvolver sua ação pedagógica.

Desse modo, é indispensável que o professor promova ações específicas com a finalidade de atender as necessidades individuais de cada aluno, respeitando o grau de aprendizagem e a forma como concebem o conhecimento.

Em face da problemática disciplinar presente no contexto escolar, a tarefa de ensinar torna-se cada vez mais difícil de se concretizar, tendo em vista os desafios constantes

frente à natureza do trabalho docente. Além do ofício de ensinar transfere-se para o professor várias funções que deveriam ser de responsabilidade da família, como a construção de valores e da moralidade.

Vale ressaltar que, no decorrer das aulas o professor executa o seu trabalho de forma solitária, enfrentando situações degradantes como a falta de estrutura adequada e material escolar, ausência de limites e de respeito por parte dos alunos, dentre outros.

Dessa forma, na opinião de Guirado (1996, p. 69):

> A relação professor/aluno já vem abalada por embates e desafios: os problemas infra-estruturais como os salários e a precariedade das condições físicas; os problemas sociais de relacionamento com os de segurança e ameaças ao exercício de sua função por alunos e outros grupos institucionais; os problemas técnicos e de formação que parecem eternamente desencontrados das demandas e das condições dos aprendizes; e assim por diante.

Esses fatores acabam desencadeando a indisciplina na sala de aula e, mesmo diante dessa situação desfavorável, o professor consegue realizar sua prática de ensino e muitas vezes seu trabalho nem é valorizado e nem remunerado de forma digna. As exigências atribuídas ao professor são cada vez maiores, são atribuídas a ele a responsabilidade por tudo o que acontece no ambiente da sala de aula.

É evidente a imensa responsabilidade exigida do professor, bem como o compromisso pelo trabalho que desenvolve. O professor de hoje, deve possuir domínio e habilidade para lidar com as mais diferentes situações que emergem no cotidiano da sala de aula, inclusive as manifestações de indisciplina. Precisa oferecer aos seus alunos as bases para a construção de uma autonomia crítica e reflexiva e conhecimentos significativos que assegurem a sua formação integral.

Para que o estabelecimento da relação professor e aluno aconteça de forma satisfatória é fundamental a existência da afetividade entre os sujeitos, pois ambos desejam reconhecimento e valorização de suas ações no processo ensino e aprendizagem. Entretanto, muitas vezes o professor demonstra interesse em desenvolver apenas o cognitivo não disponibilizando afetividade entre os alunos.

A carência de afetividade do professor e a ausência do acompanhamento dos pais no desempenho escolar, contribui bastante para que o aluno recorra a comportamentos indisciplinados, isto se dá com o intuito de receber atenção ou a fim de ser notado e aceito.

Na visão Parrat-Dayan (2011, p. 14):

> Há alguns anos, quando um aluno trazia uma nota ruim, os pais o questionavam, queriam saber o que ocorrera, saber se não havia estudado e por que, saber o que não tinha entendido. Hoje, as coisas se apresentam de uma outra maneira. Não é a criança o objeto do questionamento mas sim o professor. Ele não ensinou direito e, portanto, é um professor ruim.

Assim, a conduta de atribuir uma nota baixa para o aluno é julgada pelos pais como um ato equivocado, uma ação de perseguição contra o aluno. Os pais não procuram conhecer os reais motivos que levaram o aluno a obter uma nota ruim, culpam apenas o professor.

Diante dessa circunstância é importante que o professor reflita sobre sua prática pedagógica com o intuito de desenvolver atividades interessantes e que favoreçam o acompanhamento dos pais no processo de aprendizado do aluno.

Nesse sentido, fica evidente a importância de estabelecer uma boa relação professor e aluno, onde prevaleça a coletividade e reciprocidade para que seja possível minimizar ou solucionar os problemas decorrentes da indisciplina. Conforme Aquino (1996, p. 50): "A saída possível está no coração mesmo da relação professor-aluno, isto é, nos nossos vínculos cotidianos e, principalmente, na maneira com que nos posicionamos perante o nosso outro complementar." Portanto, é imprescindível o estabelecimento efetivo dessa parceria ente professor e aluno para a eficácia das ações, objetivos e metas propostos pela escola.

4.2 O papel da família

Quando se analisa a questão da indisciplina dos alunos é muito comum os educadores atribuírem a responsabilidade por esse "comportamento indisciplinado" como consequência da educação recebida na família. Diante dos novos e diferentes arranjos familiares existentes no atual contexto social, muitas famílias apresentam-se, segundo Vasconcellos (2000, p. 22) "desestruturadas, desorientadas, com hierarquia de valores invertida em relação à escola, transferindo responsabilidades suas para a escola, etc."

Nesse sentido, a família também contribui para a ocorrência da indisciplina, quando a mesma não assume seu compromisso com relação à educação de seus filhos, e responsabilizando somente a escola pela educação dos mesmos, haja vista que tais comportamentos podem ser derivados das inúmeras influências que a criança recebe ao longo de seu desenvolvimento no âmbito familiar. Sendo assim, a família influencia significativamente o comportamento indisciplinando ou disciplinado da criança, pois a mesma constitui-se como o primeiro contexto de socialização, interação e comunicação do indivíduo.

Devido às diversas transformações na sociedade, percebe-se que a dinâmica familiar acompanhou esse processo e também passou por alterações em seu núcleo. Os pais na expectativa de darem o melhor aos seus filhos ingressam no mercado de trabalho,

comprometem-se quase exclusivamente ao emprego e assim, aumenta ausência no âmbito familiar, oportunidade em que muitas crianças se tornam indisciplinadas.

Como descrito por Vasconcellos (2000, p. 24):

> Os responsáveis pela família de classe pobre acabam tendo que trabalhar mais para poder garantir a sobrevivência. Os de família de classe média e alta, de um modo geral, trabalham mais para poder consumir mais e sustentar um padrão de vida sempre mais elevado que os demais.

Na ânsia de garantir um padrão de vida melhor para a família, muitos pais esquecem da tarefa primordial de educar seus filhos passando esta responsabilidade para a escola. Porém é preciso compreender que escola e família devem andar juntas, estabelecendo-se uma relação de parceria e comprometimento com o desenvolvimento integral do aluno.

Todavia, apesar das transformações ocorridas no ambiente familiar, os pais não podem se desvincular da tarefa de educar os filhos. É necessária a compreensão de que suas atitudes influenciam o modo como a criança irá conviver com os demais no contexto escolar. Moreno e Cubero (1995 apud REGO, 1996, p. 97), identificaram três estilos de práticas educativas utilizadas pelos pais para obter a disciplina dos filhos.

O primeiro estilo são os pais autoritários, caracterizados por aqueles que apresentam posturas tradicionais, são rígidos, exigentes e impõem normas e regras sem levar em consideração a opinião dos filhos. Quando essas normas são infringidas pelos filhos utilizam castigos físicos e ameaças como meio de disciplinamento.

O segundo estilo são os pais permissivos, diferentemente dos primeiros, estes são mais liberais, afetuosos, comunicativos e procuram ouvir a opinião dos filhos. Esses pais quando permissivos demais, não conseguem impor regras e normas, nem estabelecem limites para os filhos, o que consequentemente, contribui para que sejam desobedientes, pois os mesmos têm certeza de não serem reprimidos.

O terceiro e último estilo é composto pelos pais democráticos caracterizados por aqueles que não são tradicionais e nem liberais, mas equilibrados, possuem autoridade, estabelecem regras e limites, mas também são afetuosos, compreensivos, comunicativos e valorizam a opinião dos filhos. A disciplina é alcançada na base do dialogo e da flexibilidade sem uso de castigos ou ameaças.

Observa-se que cada um desses estilos educativos paternais influenciam significativamente no comportamento dos filhos. As crianças de pais autoritários geralmente são obedientes e organizadas, porém apresentam maior timidez e pouca autonomia. Mesmo sem compreender a finalidade das regras costuma obedecê-las com o intuito de receber recompensas ou evitar castigos.

Já as crianças de pais permissivos apresentam maior disposição e alegria, porém são imaturas e impulsivas devido à falta de limites e exigências dos pais. E por fim, os filhos de pais democráticos apresentam maior facilidade em assumir responsabilidades, possuem autonomia própria, dialogam questionam e expressam opiniões diversas.

> É impossível negar, portanto, a importância e o impacto que a educação familiar tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral) sobre o indivíduo. Entretanto, seu poder não é absoluto e irrestrito. Uma coisa é aceitar que o que ocorre no ambiente familiar é importante, e outra, bastante diferente, é acreditar que é determinante e irreversível. (REGO, 1996, p. 98).

Em suma, a educação que a criança recebe no núcleo familiar é importante, porém isso não quer dizer que a mesma não pode aprender em outros contextos, pois os diversos ambientes que a criança frequenta, inclusive a escola, contribuem para seu desenvolvimento intelectual e social.

A família exerce um importante papel na construção da disciplina escolar, pois é no ambiente familiar que podem surgir os comportamentos indisciplinados, assim, dependendo da sua atuação diante desses comportamentos, a mesma pode contribuir para diminuir ou amentar as ações indisciplinadas dos filhos.

Uma queixa muito comum entre professores e pais quando se trata da indisciplina dos alunos, diz respeito à questão dos limites. Atualmente, diante das profundas mudanças que vêm ocorrendo na família, na escola e na sociedade em geral, existe uma enorme dificuldade em estabelecer limites. Segundo La Taille (1996, p. 9) “os pais não os imporiam, a escola não os ensinaria, a sociedade não os exigiria, a televisão os sabotaria, etc.”

Sabe-se que os pais são os primeiros responsáveis em estabelecer limites para seus filhos, porém, muitas vezes, acabam deixando de estabelecê-los por medo de serem autoritários e perderem o amor dos filhos.

Há situações em que a ausência de limites deve-se ao fato de os pais sentirem-se culpados por passarem muito tempo fora de casa trabalhando, assim, para suprir essa ausência acabam atendendo a todos os desejos dos filhos, fazendo com que estes cresçam sem noção de limites, regras e valores. O problema maior é que a falta de limites reflete-se no ambiente da sala de aula, na medida em que o professor estabelecer regras e normas o aluno não conseguirá aceita-las e responderão com atitudes indisciplinadas, interferindo no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, é tarefa dos pais contribuírem para o estabelecimento de limites dos filhos fazendo com que os mesmos aprendam a conviver com as frustações e assumir

responsabilidades. Porém, para que os filhos possam obedecer e respeitar esses limites é necessário esclarecer as razões pelas quais os limites são estabelecidos.

Além de definir limites é importante que a família procure conscientizar a criança da importância da escola, bem como o valor dos estudos para a vida do aluno.

Nessa perspectiva, Campos (2011, p. 75) faz um alerta:

> Para o incentivo ao estudo, não resolve a promessa de premiação ou presente, mas a disciplina construída dia a dia. Os pais tem que elogiar as conquistas dos filhos mesmo as mais insignificantes. Motivação e autoestima empoderam as pessoas a conseguirem coisas que antes pareciam impossíveis.

Os pais precisam compreender que não é correto oferecer recompensas para os filhos como estratégia de motivá-los nos estudos, sendo que a principio isso possa até funcionar, porém, futuramente apresentará grandes consequências, pois os filhos serão dependentes em realizar atividades apenas se receberem benefícios em troca. Os pais devem também elogiar as atividades realizadas pelos filhos de modo que estes possam sentir-se capazes e estimulados em aprender os conteúdos escolares.

A parceria entre família e escola é de fundamental importância no processo de disciplinamento do aluno. Os pais devem acompanhar a vida escolar do filho, porém não podem interferir na prática pedagógica do professor. Isso não significa que a família deve permanecer omissa diante do trabalho que a escola realiza. Ao contrário, se perceber que seu filho está sendo prejudicado nos estudos, devido à prática pedagógica inadequada desenvolvida pelo professor, a família pode intervir, procurando conhecer o Projeto Político-Pedagógico, acompanhando o rendimento escolar do aluno, dialogando com os professores e participando das reuniões entre pais e mestres.

“Estando verdadeiramente ‘por dentro’ daquilo que acontece na escola, fica muito mais fácil para os pais cobrar da escola as medidas necessárias para melhorar a condição de seus filhos nos estudos.” (MACHADO, 2010, p. 113, grifo do autor).

Em contrapartida, o professor não pode culpar a família por todos os problemas que o aluno apresenta em sala de aula, nem transferir sua responsabilidade para os pais.

> Participar da escolarização dos filhos não é decidir os rumos da escola, assim como os professores não devem delegar aos pais a função pedagógica. Pais e professores devem redefinir o papel que de fato lhes cabe na luta por uma educação de qualidade para milhares de crianças e jovens deste país. (HOFFMANN, 2010, p. 44).

Para minimizar ou até mesmo sanar os problemas da indisciplina é imprescindível que haja mudanças na educação e profundas reflexões sobre o papel dos sujeitos que compõem o universo escolar: aluno, professor, pais e a comunidade em geral. É fundamental o estabelecimento de limites, regras e normas coletivas no ambiente familiar e escolar,

propiciando assim, um clima de cidadania e reciprocidade mutua e contribuindo para a construção de sujeitos autônomos e responsáveis.

4.3 A função da escola

Vive-se em uma sociedade globalizada marcada por avanços científicos e tecnológicos, o acesso à informação se tornou mais fácil e rápido. Em contrapartida, essa mesma sociedade é também caracterizada pela desigualdade, violência, corrupção, desemprego, onde o "ter" sobrepõe-se ao "ser". É inegável a influência desses elementos no cotidiano da escola, pois sendo esta uma instituição inserida na sociedade, os acontecimentos ocorridos no meio social refletem-se na escola e vice-versa.

É preciso compreender que houve profundas mudanças na sociedade, na escola e nas suas relações e como reflexo dessas transformações surge um novo perfil de aluno, um novo sujeito histórico incapaz de acatar e se submeter às regras disciplinares tradicionais. Diante dessa realidade é comum ouvir dos professores expressões saudosistas "como as coisas eram melhores antigamente", isto porque, na escola do passado a disciplina era imposta por meio de castigo ou ameaças. "É presumível, portanto, que as relações escolares fossem determinadas em termos de obediência e subordinação. O professor não era só aquele que sabia mais, mas que podia mais porque estava mais próximo da lei, afiliado a ela." (AQUINO, 1996, p. 43).

Segundo o autor, na escola tradicional o professor era o detentor do saber e único transmissor do conhecimento, tinha o controle absoluto sob o aluno, que deveria permanecer quieto, dócil e obediente, sem manifestar qualquer tipo de comportamento inadequado às normas estabelecidas pela instituição. A disciplina era imposta rigidamente pelo professor, controlava-se e ordenava-se o corpo e a fala do aluno para que este permanecesse em silêncio absoluto não apenas na sala de aula como também fora dela. A escola, nesse sentido, refletia a estrutura e o funcionamento de um quartel, onde o professor era visto como general e os alunos como soldados.

O trabalho educativo desenvolvido pelo educador era altamente autoritário, dessa forma, como caracteriza Vasconcellos (2000, p. 30) "A ação pedagógica [...] transforma-se numa verdadeira guerra, com os seus participantes (professor e alunos) desenvolvendo um ódio surdo e paralisante que, por debaixo da falsa harmonia do respeito formal, destrói o relacionamento e o compromisso educacional."

Percebe-se que o fundamento do trabalho pedagógico refletia um verdadeiro conflito entre os sujeitos do processo, eliminava-se qualquer tipo de relacionamento afetivo e consequentemente prejudicava a prática do professor e a aprendizagem do aluno.

Contrapondo-se a escola tradicional caracterizada por práticas autoritárias e subversivas surge a escola liberal, onde é permitido qualquer comportamento, pois parte-se da ideia de que o aluno é responsável por suas ações e deve ter, portanto, autonomia e liberdade de escolha.

No entanto, essa ação liberal desenvolvida no cotidiano da escola produz resultados negativos na sala de aula.

> Ela exalta o descompromisso tanto do professor, quanto dos alunos: estes podem não assistir a aulas quando não quiserem, caso contrário estariam "forçados"; podem falar à vontade, mesmo que seja de forma dispersiva e atabalhoada, sem um ouvir o outro; podem assumir a postura que acharem mais confortável, trazendo ou não o material de aula. (VASCONCELLOS, 2000, p. 30, grifo do autor).

Sendo assim, na escola liberal professores e alunos são colocados em um mesmo patamar, ambos são iguais. O professor por não querer fazer uso de práticas tradicionais e repressivas acaba perdendo o controle da sala de aula, sendo visto pelos próprios alunos como um profissional incompetente e desmoralizado. Em resposta a esse ambiente escolar quase sem controle e limites surgem os comportamentos indisciplinados, dificultando-se ainda mais o alcance dos objetivos e metas estabelecidos pela escola.

Analisando as duas escolas, "tradicional" e "liberal", constata-se na primeira, a total ausência ou poucas evidências de comportamentos indisciplinados, porém isso não significa que ela seja um modelo a ser seguido, pois a aparente disciplina dos alunos é estabelecida através do medo e pressão impostos pelo professor. Já a segunda, extrapola na sua própria postura liberal e consequentemente contribui para o surgimento da indisciplina na escola.

A escola também contribui no processo de construção da disciplina, pois através das ações que realiza pode criar condições para que os alunos tenham a oportunidade de desenvolver comportamentos adequados para o convívio em sociedade. A escola precisa oferecer à sua clientela conhecimentos condizentes com as expectativas e necessidades dos alunos, expressando de forma clara e objetiva, no seu Projeto Político-Pedagógico, sua proposta de educação, fazendo com que os alunos compreendam a importância do conhecimento e o verdadeiro sentido da escola.

Diante dos problemas de indisciplina vivenciados no contexto escolar é fundamental que a escola desenvolva uma ação coletiva com todos os seus integrantes,

professores, alunos, funcionários, etc., objetivando evidenciar os fatores que desencadeiam a indisciplina e assim estabelecer métodos eficazes que visem à redução das manifestações indisciplinadas dos alunos.

Nesse sentido, todos devem trabalhar em conjunto, tendo a convicção de que o problema da indisciplina não pode ser resolvido apenas por um professor, mas por todos da comunidade escolar. Pois quando existe esse trabalho coletivo há menos indícios de indisciplina.

Parrat-Dayan (2011, p. 84), compartilha dessa ideia quando afirma que: "Quando a equipe de professores trabalha junto com a administração para planejar mudanças e resolver problemas, apresentam-se menos situações de indisciplina, porque os professores se sentem apoiados."

Para prevenir a indisciplina na escola e alcançar a disciplina é necessário que as regras e normas sejam estabelecidas de forma esclarecedoras para os alunos, pois às vezes essas normas são infringidas pelo fato de serem desconhecidas pelos alunos.

Com as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade e, de modo particular, no contexto familiar e escolar, percebe-se a necessidade de refletir as propostas curriculares com o intuito de atender às exigências da sociedade globalizada. Hoje, a escola além de transferir o conhecimento sistematizado deve também favorecer situações que propiciem aos alunos a oportunidade de assumir responsabilidades, resolver conflitos e construir valores. Diante dessa circunstância a escola da atualidade deve,

> Lembrar e fazer lembrar em alto e bom tom, a seus alunos e à sociedade como um todo, que sua finalidade principal é a *preparação para o exercício da cidadania*. E, para ser cidadão, são necessários sólidos conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público, um conjunto mínimo de normas de relações interpessoais, e diálogo franco entre olhares éticos. (LA TAILLE, 1996, p. 23, grifo do autor).

Nessa perspectiva, a escola tem como objetivo preparar o aluno para que este possa conviver em sociedade, exercendo sua cidadania, providos de cooperação, dignidade e respeito.

Portanto, é imprescindível que a escola desenvolva uma postura inovadora e democrática, com propostas vinculada às reais necessidades do aluno, possibilitando que este tenha a consciência dos seus direitos, cumpra com suas obrigações, de modo a desenvolver o espírito crítico e a autonomia necessária para sua formação integral.

5 A INDISCIPLINA COMO GERADORA DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Atualmente, os problemas de indisciplina e violência nas escolas apresentam-se como um dos principais obstáculos aos professores, tanto das instituições públicas como particulares. É muito comum, interpretar a violência escolar como reflexo da violência que ocorre na sociedade, isso porque, parte da ideia de que a escola reproduz os acontecimentos desencadeados no meio social.

Entretanto, apesar da escola ser considerada um ambiente que aprimora o contexto social, é necessário frisar que às vezes a própria escola contribui para a indisciplina e violência, como afirma Abdalla (2004, p. 62) "[...] baixa qualidade de ensino, trabalho desestruturado dos professores, problemas de relacionamento entre professores e alunos, falta de ênfase em valores na educação ministrada, falta de diálogo e ausência da prática de ouvir o outro, resultados escolares medíocres, etc."

Diante desses fatores, a escola deve refletir sobre sua proposta de ensino, de modo a promover mudanças na organização escolar e nas interações estabelecidas entre seus agentes, contribuindo para reduzir os indícios de indisciplina e violências existentes na escola.

Devido às ambiguidades existentes entre o conceito de indisciplina escolar e violência é fundamental que o professor tenha formação adequada e saiba distinguir esses dois termos e, seja um profissional preparado para lidar e entender as situações envolventes em sala de aula de forma diferenciadas.

De acordo com Parrat-Dayan (2011, p. 24) "ainda que em muitas ocasiões a violência social e a indisciplina escolar apareçam associadas, elas não são sinônimos." Nesse sentido, entende-se que violência pode ser gerada devido à indisciplina, entretanto isso não significa que todo ato de violência surge através das condutas indisciplinadas.

Apesar da profunda necessidade em diferenciar indisciplina escolar e violência, percebe-se que essa tarefa não é muito fácil. Como o professor no ambiente da sala de aula pode identificar as características de onde termina a indisciplina e começa a violência? Para Guimarães (1996, p. 73, grifo da autora) a indisciplina é entendida como "todo ato ou dito contrário à disciplina que leva à desordem, à desobediência, à rebelião." Partindo da mesma análise, a autora afirma que a violência seria "ato violento que, no sentido jurídico, provocaria, pelo uso da força, um constrangimento físico ou moral." (idem).

Desse modo, compreende-se que alguns dos comportamentos inadequados que os alunos manifestam na sala de aula como, ofensas, provocações verbais, agressões físicas etc.,

não podem ser vistos como indisciplina e sim como violência, devendo portanto, ser resolvido com métodos diferenciados.

Quando o aluno apresenta algum tipo de comportamento agressivo ou violento na sala de aula, o professor geralmente acredita que essas atitudes podem resultar das experiências vivenciadas no ambiente familiar. No entanto, ao analisar essas condutas violentas dos alunos é necessário compreender que às vezes a causa do problema não reside somente no núcleo familiar, mas na própria escola, pois quando esta não desenvolve um trabalho pedagógico eficaz dificulta a relação dos sujeitos no processo aprendizagem fazendo com que o mesmo sinta-se desmotivado, reagindo com atitudes de inquietação e vandalismo.

Referindo-se a isso (BASTOS, 2006, p. 11) ressalta que: "Pouco se faz pela aprendizagem significativa da criança e esta, por sua vez, reage de forma violenta sem se preocupar consigo e com o próximo."

Além da crise familiar e escolar existente, os meios de comunicação em particular, a televisão, também contribui para o agravamento da violência escolar. Isso porque, através da televisão a criança ver cenas de violência e agressão, muitas vezes, ela percebe que as pessoas que praticam esses atos violentos não recebem nenhuma punição. Nesse sentido, quando a criança se depara com alguma ação de violência no seu cotidiano, não sentirá nenhuma sensibilidade, pelo fato ser uma situação comum. Além disso, a criança poderá até praticar algum tipo de violência contra o próximo por de achar que não será castigada.

O fenômeno da violência apresenta-se cada vez mais frequente no contexto escolar sendo caracterizada através da ausência de limites, desrespeito e desacato às normas estabelecidas pela escola. Esses aspectos instigam o aluno a buscar reconhecimento e aceitação através da força.

Assim sendo, é fundamental que o professor esteja atento aos pequenos conflitos desencadeados na sala de aula, as famosas "brincadeiras" existentes entre os alunos, pois é a partir dessas situações que pode surgir a manifestação mais comum de violência durante as aulas, a gozação dos questionamentos feitos por determinado aluno. Esse tipo de violência na sala de aula prejudica o processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que devido à gozação, o aluno vitimado fica intimidado e com medo preferindo calar-se à fazer novas perguntas.

Diante dessa situação é imprescindível que o professor procure favorecer um ambiente onde todos tenham uma ralação harmoniosa e que o aluno sinta-se livre para

expressar sua opinião, participe ativamente das aulas e faça indagações sem receio de ser zombado pelos colegas.

> Quando o aluno expressa sua dúvida, o professor deve fazer com que se coloque para a classe como um todo, puxar para o coletivo, já que a sala de aula não é apenas para apropriação individual do conhecimento; até porque, se a dúvida não é socializada, corre-se o risco dos outros alunos se dispersarem. (VASCONCELLOS, 2000, p. 84).

Nesse sentido, quando determinado aluno apresentar algum questionamento, o professor deve ter habilidade para, a partir dessa dúvida individual, procurar envolver também todos os outros alunos, por outro lado, quando esse questionamento não é compartilhado alguns alunos podem ficar dispersos apresentando assim, condutas que venham torná-los indisciplinados.

Para Charlot (2002, p. 434, grifos do autor) a violência escolar pode ser distinguida em três modalidades: violência na escola, violência à escola e violência da escola.

> A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. [...] A violência *à* escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: Quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violência que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos com injustos ou racistas...).

Observa-se que é fundamental que haja essa distinção, pois diante da violência na escola, ou seja, aquela que vem do meio externo, a escola pouco pode atuar, porém no que se refere à violência da escola e à escola, podem ser elaboradas ações que contribuem para a redução dessas violências.

Além da violência física expressa por meio dos conflitos, da agressão e do vandalismo existe também a violência psicológica caracterizada pelo fenômeno *bullying*. Na língua inglesa a palavra *bullying* deriva-se do verbo *bully*, e significa o uso da superioridade física com o intuito de amedrontar o próximo. Na língua portuguesa o *bullying* ainda não possui uma conceituação própria, porém tem a mesma característica de um indivíduo "valentão".

Atualmente, o *bullying* tornou-se um problema de grande extensão que afeta indistintamente tanto as escolas da rede públicas quanto as privadas, rurais ou urbanas. Encontra-se desde os anos iniciais até o ensino médio, causando grandes transtornos na vida

dos alunos como: dificuldades de aprendizagem e de interação com o próximo, medo, isolamento e em casos mais graves pode levar até ao suicídio.

Apesar de ser considerado um problema grave e frequente no contexto escolar, os casos de *bulying* muitas vezes permanecem ocultos, pois as vítimas são intimidadas e maltratadas o que contribui para que elas permaneçam caladas e com medo de denunciar os agressores.

Diante da complexidade da situação os professores, gestores, pais e a comunidade em geral precisam desenvolver ações concretas para evitar o *bullying*, de modo a assegurar o direito da criança disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8.069/90, artigo 5°, onde esta ressalta que: "Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais." (BRASIL, 2004, p. 11). Desse modo todos os envolvidos nesse processo devem garantir os direitos da criança e assim evitar que a mesma venha a sofrer qualquer tipo de violência.

Diante dos conflitos existentes na sala de aula é importante que o professor de imediato procure solucionar o problema. Entretanto, sabe-se que essa não é tarefa fácil, pois não existe receita pronta capaz de sanar completamente os problemas relacionados à indisciplina e violência nas escolas, isso porque, no ambiente da sala de aula, nas interações que se estabelecem entre os sujeitos, os conflitos são inevitáveis, o que requer do professor o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para lidar cotidianamente com as diferentes manifestações de indisciplina e violência.

Além disso, na opinião de Guimarães (1996, p. 81):

> É preciso construir práticas organizacionais e pedagógicas que levem em conta as características das crianças e jovens que hoje frequentam as escolas. A organização do ano escolar, dos programas, das aulas, a arquitetura dos prédios e sua conservação não podem estar distantes do gosto e das necessidades dos alunos, pois, quando a escola não tem significado para eles, a mesma energia que leva ao envolvimento, ao interesse, pode transforma-se em apatia ou explodir em indisciplina e violência.

Nesse sentido, a organização da escola e a prática pedagógica do professor devem estar de acordo com as especificidades do aluno atual. Além disso, é necessário desenvolver aulas interessantes, oferecer uma estrutura escolar adequada e preservada, com o intuito de aumentar a vontade do aluno em frequentar a escola, fazendo com que o mesmo encontre um sentido para o estudo, sinta-se motivado e não venha a praticar atos de indisciplina e violência.

Enfim, a violência produzida no ambiente escolar tornou-se um grande desafio para os profissionais da educação, sendo que muitas vezes, ela pode ser gerada devido aos altos índices de indisciplina. Nessa perspectiva, para reduzir os casos de indisciplina e violência é fundamental que a escola procure distinguir os comportamentos diferenciados e possa compreender cada um, utilizando estratégias que venham favorecer todas as situações vivenciadas no contexto em sala de aula.

6 UM OLHAR SOBRE A INDISCIPLINA NA REALIDADE DA ESCOLA MUNDO ENCANTADO

Com o intuito de verificar as contribuições dos estudos teóricos para a compreensão da realidade e visando alcançar o objetivo central deste trabalho, sentiu-se a necessidade de realizar uma pesquisa de campo e optou-se por fazer a investigação numa escola da Rede Pública Municipal de Chapadinha – MA.

A pesquisa fora realizada na Escola Mundo Encantado, situada na Rua Gustavo Barbosa, S/N, no bairro da Corrente. Segundo o Projeto Político Pedagógico – PPP da escola, a mesma foi criada pelo decreto 302, no dia 20 de novembro de 1967. Oferece o Ensino Fundamental de 1º ao 9º Ano e Educação de Jovens e Adultos de 5ª a 8ª Série. Dispõe de 52 funcionários, estando distribuídos em 01 (uma) gestora, 01 (uma) assistente de direção, 03 (três) agentes administrativos, 02 (duas) auxiliares de cozinha, 04 (quatro) ASGS, 01 (um) datilógrafo e 04 (quatro) vigias.

O corpo docente da escola é composto por: 34 (trinta e duas) professoras com os seguintes níveis: 05 (cinco) com formação em Magistério; 03 (três) graduandas em Licenciatura Plena em Pedagogia; 02 (duas) Licenciadas em Pedagogia; 03 (três) Pós-Graduadas em Gestão e Supervisão Escolar; 04 (quatro) Pós-Graduadas em Psicopedagogia; 01 (uma) Pós-Graduada em Gestão Escolar, 01 (uma) Pós-Graduada em Psicolinguística; 03 (três) Graduadas em Matemática; 03 (três) Graduadas em História; 03 (três) Graduadas em Biologia; 03 (três) Graduadas em Letras e 03 (três) Graduandas em Pedagogia. A escola conta ainda com 01 (um) supervisor graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia e 01 (uma) especialista graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia e Serviço Social.

A estrutura física da escola está disposta da seguinte forma: 08 (oito) salas de aula; 01 (uma) secretaria; 01 (uma) biblioteca; 01 (um) depósito; 01 (um) almoxarifado; 04 (quatro) banheiros; 01 (uma) cozinha; 01 (um) laboratório de informática; 01 (uma) área aberta interna e outra externa.

A escola está inserida num contexto onde 60% da comunidade são pequenos agricultores, outros são profissionais liberais autônomos, funcionários públicos, avós aposentados como trabalhadores rurais e a grande maioria são famílias que estão sobrevivendo apenas de Recursos do Governo Federal, como “Bolsa Família”. É uma comunidade que valoriza sua cultura e tem uma religiosidade bem acentuada. Tem várias religiões, porém sendo a católica a religião que apresentam um maior número de fiéis, que participam dos eventos do calendário litúrgico. Além desses eventos, a comunidade escolar

realiza atividades culturais e pedagógicas como, festa junina, folclore brasileiro e desenvolve também ações educativas envolvendo a família, cultivando-se assim, a política da boa vizinhança e facilitando as boas relações entre si.

6.1 Análise dos dados coletados

Para a concretização deste estudo, realizou-se uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativo e quantitativo com o intuito de analisar como a indisciplina é interpretada pelos principais sujeitos do processo educativo. Para tanto, foi aplicado questionários aos agentes dos vários segmentos da escola, gestora, supervisor, professoras e alunos.

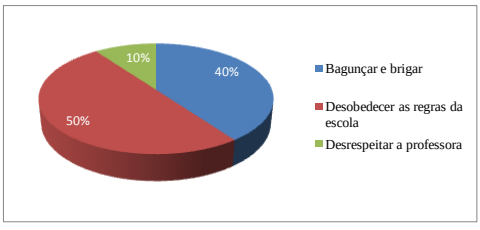
> A pesquisa descritiva expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza. Não tem compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação. (VERGARA, 2011, p. 42).

A coletada dos dados ocorreu da seguinte forma: aplicou-se questionário com 07 (sete) perguntas fechadas para os alunos e ao supervisor, gestora e professoras aplicaram-se questionários com 06 (seis) perguntas abertas.

> O questionário caracteriza-se por uma série de questões apresentadas ao respondente, por escrito, de forma impressa ou digital. [...] No questionário aberto, as respostas livres são dadas pelos respondentes; no fechado, o respondente faz escolhas, ou pondera diante de alternativas apresentadas. (idem p. 52).

Inicialmente serão analisados os questionários destinados aos alunos, visando compreender as percepções destes a respeito da temática estudada. Para tanto, os resultados dos dados foram tabulados e organizados com o intuito de construir as análises descritas a seguir:

Gráfico 1: O que é indisciplina para você?



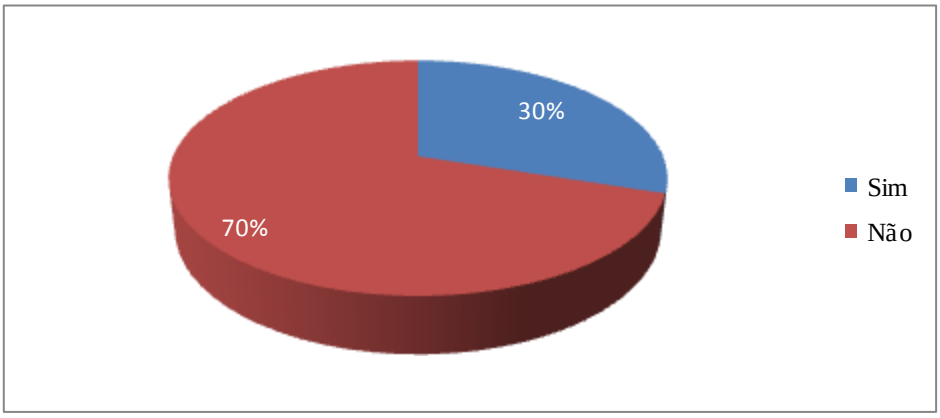
Quando perguntados sobre o que seria indisciplina, obteve-se como estatística: 50% afirmaram que seria desobedecer às regras da escola, 40% responderam que seria bagunçar e brigar e 10% disseram que seria desrespeitar a professora.

De acordo com as respostas dos alunos pode-se constatar que para a maioria deles a desobediência às regras da escola seria a característica fundamental da indisciplina. Percebeu-se que na escola é comum, o aluno confrontar as regras que são estabelecidas pelo professor e pela escola, objetivando saber se as mesmas são importantes ou supérfluas.

Sendo assim, para diminuir as transgressões às regras é fundamental que a escola possa estabelecê-las de forma clara. Como explica Vasconcellos (2009, p. 228): "Um procedimento básico é esclarecer muito bem as regras, não deixando pairar dúvidas sobre o que seja a conduta aceitável. Os educadores mais experientes sabem que é preciso ter paciência para relembrar o contrato e, sobretudo, manter o que foi combinado".

Nesse sentido, é imprescindível que as regras escolares sejam claras ao serem elaboradas levando em consideração o ideal escolar que se quer alcançar, para que assim os alunos não tenham dúvidas quanto à finalidade dessas regras, bem como a importância das mesmas para o bom funcionamento da instituição.

Gráfico 2: Você se considera um (a) aluno (a) indisciplinado (a)?



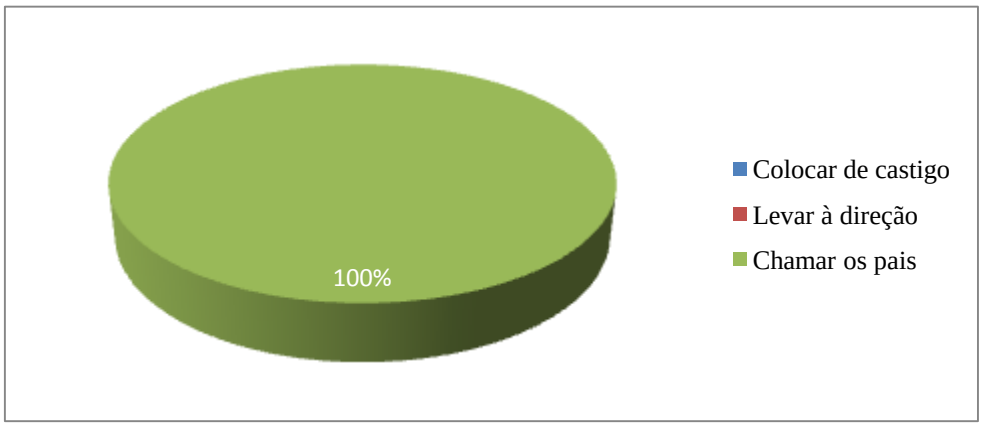
Conforme dados demonstrados no gráfico 02 (dois), constata-se que 70% dos alunos não se consideram indisciplinados, enquanto 30% julgam-se indisciplinados.

Diante da conclusão dos questionários nota-se que apesar dos problemas de indisciplina serem frequentes no contexto escolar, a maioria dos alunos afirma que não apresentam condutas indisciplinadas. Porém, constatou-se que mesmo julgando-se disciplinados, a maior parte dos alunos observados apresentavam atitudes indisciplinadas e nem percebiam, pois tais comportamentos para eles são normais no ambiente da sala de aula.

Entretanto, o fato é que as expressões de indisciplina vêm aumentando a cada dia e se manifestam através de:

> Conversas paralelas, dispersão; professor entra em sala e é como se não tivesse entrado; dá lição e maioria não faz; quando vem professora substituta, é dia de fazer bagunça; alunos não trazem material; se negam a participar da aula; parece que nada interessa; saem no corredor na mudança de professor; fazem bagunça em sala quando não tem ninguém. (VASCONCELLOS, 2000, p.13).

Gráfico 3: Quais as medidas adotadas pela professora quando um aluno age de forma indisciplinada?

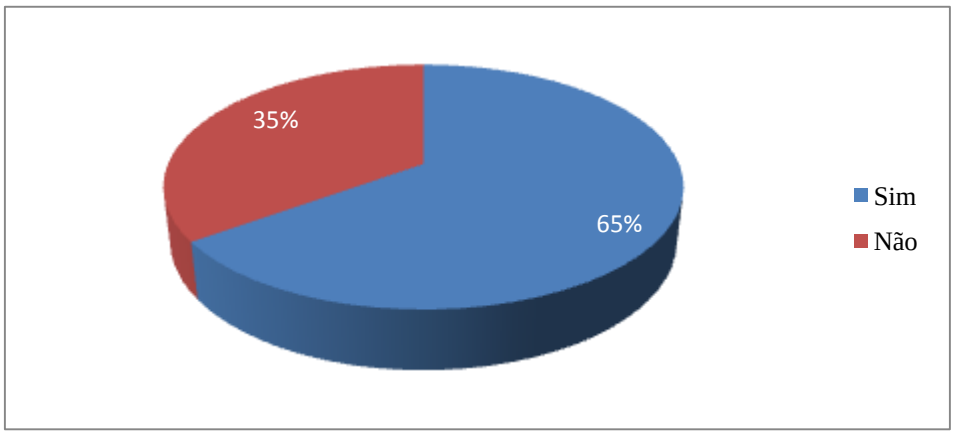


Ao serem indagados sobre as medidas adotadas pela professora quando um aluno age de forma indisciplinada, os alunos foram unânimes ao afirmarem que a principal estratégia utilizada seria chamar os pais. Percebeu-se que a participação dos pais na vida escolar do filho favorece a articulação de uma parceria entre a família e a escola, o que é fundamental para o desenvolvimento de condutas adequadas que assegurem a disciplina dos alunos.

> Sem uma articulação e uma sintonia mais fina entre essas duas instâncias, família e escola, dificilmente alcançaremos resultados satisfatórios com relação à conduta da criança. De uma forma ou de outra esbarraremos em alguns limites e nos depararemos com nossas limitações. (SAID, 2009, p. 22).

Nesse sentido, compreende-se que não havendo esta parceria entre a família e a escola torna-se muito mais difícil alcançar o bom comportamento e a disciplina dos alunos, pois a educação recebida em casa deve está vinculada à escola.

Gráfico 4: Você acredita que a indisciplina prejudica na sua aprendizagem?



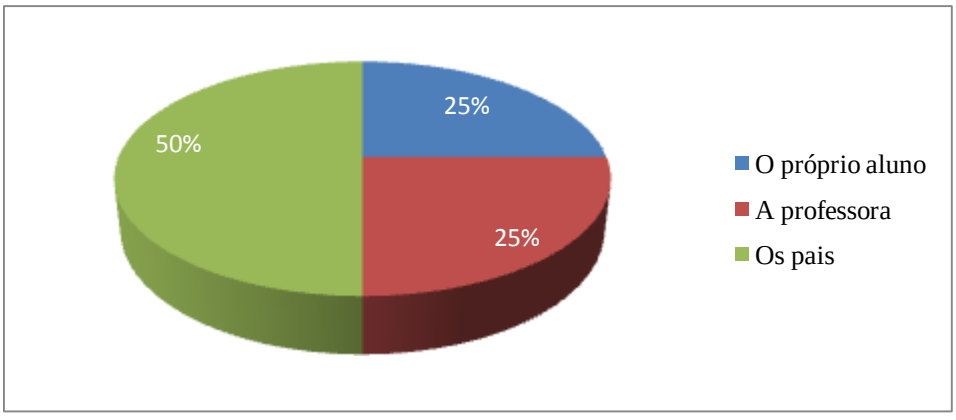
Em relação ao gráfico acima, constatou-se que, 65% dos alunos acreditam que a indisciplina prejudica na aprendizagem, enquanto 35% afirma que a mesma não interfere.

Dessa forma, percebe-se que a maior parte dos alunos são sabedores dos danos causados pela indisciplina no processo de ensino e aprendizagem. De fato, constatou-se que alguns desses alunos que manifestavam comportamentos indisciplinados possuíam maiores dificuldades para assimilar os conteúdos propostos pelo professor.

Neste sentido, para assegurar a disciplina na sala de aula e proporcionar aos alunos conhecimentos significativos é necessário que o professor tenha consciência da importância do seu papel para a efetiva aprendizagem dos alunos. Como explica Turra e Viesser (2002, p. 65): "A aprendizagem está intimamente ligada à figura do professor, pois é ele que irá fazer desabrochar, no aluno, numa atitude socrática o desejo de aprender".

Assim, através do trabalho que desenvolve metodologias utilizadas e ações praticadas na sala de aula, o professor pode despertar no aluno a vontade e o interesse em aprender e construir o conhecimento.

Gráfico 5: Em sua opinião, quem são os principais responsáveis pela indisciplina na escola?



Quando questionados sobre quem seriam os principais responsáveis pela indisciplina, 50% dos alunos disseram que eram os pais, 25% afirmaram que seria a professora e outros 25% acreditam que a indisciplina reside no próprio aluno.

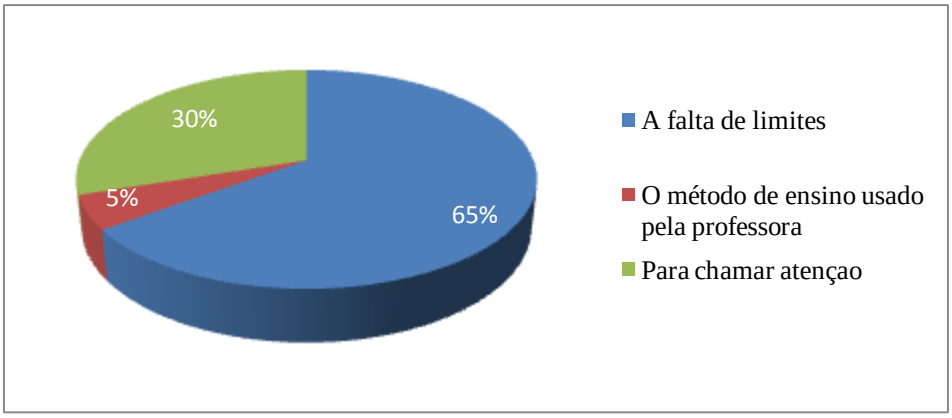
Pode-se concluir que a maioria dos alunos questionados atribuem a indisciplina como sendo de responsabilidade dos pais. Percebe-se com as reposta que a família pode ser a responsável pelos comportamentos inadequados dos alunos na sala de aula. Entretanto, é um grave equívoco relacionar a indisciplina como consequência apenas da educação recebida na família.

De acordo com Rego (1996, p. 96):

> [...] o comportamento indisciplinado não resulta de fatores isolados (como, por exemplo, exclusivamente da educação familiar, da influência da TV, da falta de autoridade do professor, da violência da sociedade atual etc.), mas da multiplicidade de influências que recaem sobre a criança e o adolescente ao longo de seu desenvolvimento.

Nesse sentido, compreende-se que a indisciplina pode ser resultado de diversos fatores que podem estar associados à família, ao professor e ao próprio aluno, não sendo possível colocar a responsabilidade apenas em um desses agentes.

Gráfico 6: O que leva o aluno agir de forma indisciplinada?



Ao serem indagados, sobre o que leva o aluno agir de forma indisciplinada, 65% responderam a falta de limites, 30% afirmaram que é para chamar atenção e 5% o método usado pela professora.

O resultado demonstrou que a falta de limites seria o principal fator gerador da indisciplina na sala de aula. De fato, constatou-se durante as observações que a ausência de limites era realmente um fator que contribuía para existência da indisciplina, mas percebeu-se também que a forma como era estabelecida a relação entre o professor e o aluno, contribuíam para o agravamento do problema, pois constatou-se que o professor demonstrava atenção e a afetividade diferenciada para com os alunos.

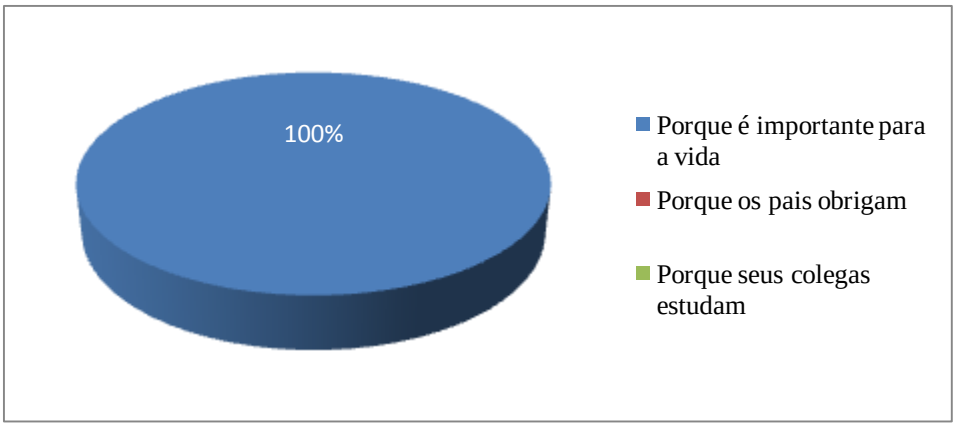
Compreende-se assim, que os maiores responsáveis pela ausência de limites seriam os pais ou professores que geralmente são permissivos demais, deixando que as crianças façam o que quiser, tornando-se incapazes de aceitar um não como resposta.

Sobre isso Oliveira, (2010, p. 81, grifo da autora), ressalta que:

> Uma criança *sem limites* não respeita nem o professor nem o ambiente familiar e escolar em que vive. Ela tem dificuldades de perceber o espaço do outro e se harmonizar com a classe. Ela se julga com todos os direitos e espera que todos reconheçam esta sua necessidade. Quando isto não ocorre, muitas vezes se mostra agressiva. Sua atividade é incessante. Questiona o que o professor fala e quer mostrar que ninguém manda nela.

Nessa perspectiva, é fundamental que os pais e professores estabeleçam limites para as crianças fazendo com que estas sejam capazes de respeitá-los. Entretanto, vale ressaltar, que esses limites só serão atendidos pelas crianças se os pais e professores deixarem claro as razões pelas quais eles existem.

Gráfico 7: Você estuda por quê?



Quanto à questão no gráfico 07 (sete), o resultado foi positivo, pois os alunos foram unânimes ao responderem que estudam porque é importante para a vida. Notou-se que os alunos são conscientes da importância dos estudos na vida do individuo. No entanto, apesar da unanimidade das respostas percebeu-se uma contradição, pois apesar de considerarem a importância dos estudos, alguns alunos demonstravam pouco interesse perante as atividades desenvolvidas na aula.

Frente a essa situação, é importante que o professor procure apresentar para os alunos a relevância dos conteúdos ministrados em sala de aula, levando em consideração os conhecimentos prévios que estes possuem, para que assim, o mesmo juntamente com os alunos possa desenvolver um estudo significativo que favoreça a formação integral do sujeito.

É o que destaca Matos (2008, p. 20):

> Um estudo é eficaz quando se torna significativo, isto é, quando os novos conhecimentos e informações são assimilados pessoalmente, confrontados e integrados no complexo de conhecimentos já existente, podendo ser reutilizados em outras situações. Assim, o estudo contribui para a formação integral da pessoa e de sua maturação plena.

A seguir, serão analisadas as questões ao supervisor, à gestora e às duas professoras que lecionam no 5º Ano do Ensino Fundamental. Por questões éticas, será preservada a identidades de ambas as professoras e portanto, serão identificadas apenas como professora A e professora B.

Sabe-se que analisar a questão da indisciplina não é tarefa fácil, tendo em vista a sua complexidade e os diversos conceitos, interpretações e significados que podem caracterizar as manifestações indisciplinadas na sala de aula. Assim, o que é considerado indisciplina por um professor, pode não ser para outro, pois as concepções são diferenciadas.

Nesse sentido, questionou-se como definiam um aluno indisciplinado? Obteve-se as seguintes afirmações:

Tabela 1: Definição de aluno indisciplinado

Professora A	"Mau comportamento na sala de aula; a não realização das tarefas."
Professora B	"Ajudo o máximo possível."
Gestora	"Em geral os alunos são calmos não apresentando problemas maiores."
Supervisor	"Uma atitude social muito presente em nossos educandos. Mas pouca prática nesse turno. É alguns alunos nesse ciclo de dedicação."

Analisando essas falas percebe-se que a professora A acredita que o comportamento inadequado do aluno, bem como a recusa em realizar as atividades podem determinar a indisciplina. Entretanto, ao fazer a análise das respostas da professora B, gestora e supervisor constatou-se uma falta de consenso, pois estes apresentaram dificuldades para interpretar a pergunta, não definiram o que seriam um aluno indisciplinado e desvincularam-se da questão.

Ficou explicito, o desconhecimento mais aprofundado sobre os problemas de indisciplina na escola, o que pode dificultar a aplicação de estratégias que visem solucionar o problema.

Em consonância com este posicionamento, Zagury (2009, p. 55, grifo da autora):

> Os problemas que enfrentamos repousam sobre os alicerces do descompromisso, da precipitação e da falta de cientificidade ao propor/fazer mudanças. Professores farão bem o que estiverem convencidos que é importante fazer – **e se seguros para executar.** Alunos ouvirão seus mestres, quando sentirem que eles acreditam e sabem o que estão fazendo.

Ao serem indagados sobre a interferência da indisciplina na aprendizagem dos alunos, os sujeitos questionados afirmaram que existe interferência e justificaram da seguinte forma:

Tabela 2: Interferência da indisciplina na aprendizagem

Professora A	"Para que haja uma boa aprendizagem é necessário que o aluno direcione sua atenção nas aulas e atividades desenvolvidas na turma."
Professora B	"O professor precisa compreender a situação desse aluno, não colocar o mesmo fora da sala de aula."
Gestora	"Porque dificulta a assimilação dos conteúdos ministrados pelo professor."
Supervisor	"O aluno indisciplinado traz sérios prejuízos a vida dele e dos colegas."

A partir das respostas apresentadas, constatou-se que a indisciplina pode dificultar o aprendizado do aluno, pois este manifesta desinteresse e desatenção, não consegue assimilar os conteúdos de forma significativa e prejudicando seu desenvolvimento cognitivo. Percebeu-se, que também alguns alunos que manifestavam comportamentos indisciplinados eram os que apresentavam maiores dificuldades em assimilar os conteúdos ministrados pelo professor, entretanto, essa situação pode ser remediada na medida em que o professor apresentar conhecimentos relevantes que motivem os alunos para os estudos.

Como explica Libâneo (1994, p. 253):

> A motivação dos alunos para a aprendizagem, através de conteúdos significativos e compreensíveis para eles, assim como de métodos adequados, é fator preponderante na atitude de concentração e atenção dos alunos. Se estes estiverem envolvidos nas tarefas, diminuirão as oportunidades de distração e de indisciplina.

Nesse sentido, é tarefa do professor utilizar metodologias eficientes e diferenciadas, trabalhar com conteúdos condizentes com a realidade dos alunos de modo a obter a atenção e o interesse dos mesmos e minimizando assim os comportamentos indisciplinados na sala de aula.

Buscando investigar sobre quais as estratégias utilizadas para evitar os problemas de indisciplina na escola, obteve-se as seguintes afirmações:

Tabela 3: Estratégias utilizadas para evitar problemas indisciplina

Professora A	“O diálogo com os alunos, pais e orientação da supervisão”.
Professora B	“Tem o cuidado em dá mais atenção para o aluno problema”.
Gestora	“É promovido palestras, reuniões de pais e mestres, funcionários, dinâmicas com profissionais convidados para o referido evento”.
Supervisor	“Informar os pais/responsáveis pela atitude de seus filhos orientando a família a dá ocupações e integrar ele a participar de eventos extra/cultura, música, esportes, etc.”

Diante das respostas apresentadas, percebeu-se que os métodos utilizados pelos sujeitos questionados são realmente viáveis e eficazes para prevenir as condutas indisciplinadas dos alunos. Entretanto, observou-se que quando um aluno apresenta comportamentos indisciplinados esses métodos não são colocados em prática, pois o professor geralmente apenas repreende o aluno e em casos mais graves informam os pais.

Ressalta-se que, a indisciplina poderá ser evitada na medida em que a escola estabelece um espaço que valoriza e respeita seus alunos, não apenas oferecendo os conhecimentos, mas também dando oportunidades para que os mesmos tornam-se cidadãos críticos, reflexivos e atuantes na sociedade.

É o que afirma Parrat-Dayan (2011, p. 97) “Pensar em remediar ou prevenir a indisciplina exige que lembremos que a finalidade principal da escola é da preparação para o exercício da cidadania”.

Quando indagados sobre quem seriam os principais responsáveis pela indisciplina na escola, obteve-se as seguintes respostas:

Tabela 4: Principais responsáveis pela indisciplina

Professora A	“A família”.
Professora B	“Falta de diálogo da família. Pois quando o aluno chega na sala de aula o professor percebe alguns comportamentos diferentes, mas procuro dialogar com ele e aos poucos vem a mudança”.
Gestora	“É muita relativa, pode ser dos pais, responsáveis, do educador”.
Supervisor	“A missão da escola é educar na sua plenitude. Porque eles vão aos contrários? A escola planeja tudo de bom para as crianças e eles rejeitam”.

Analisando as afirmações das professoras juntamente com a da gestora é possível perceber que as mesmas possuem respostas de natureza semelhantes, quando relatam a

responsabilidade da família pela indisciplina escolar, tendo em vista que é no ambiente familiar que podem surgir as primeiras alterações de comportamentos inadequados.

Pôde-se constatar também que há um consenso entre o que foi mencionado acima com as respostas dos alunos no gráfico 06, pois segundo a maioria dos alunos a falta de limites seria o principal fator que causaria a indisciplina na escola, logo entende-se, que essa ausência de limites seria responsabilidade também da família, que às vezes, não estabelecem normas e limites para os filhos, o que pode gerar uma relação permissiva.

Ao analisar a resposta do supervisor constatou-se que o mesmo deixou transparecer que seria o aluno o principal responsável pela indisciplina ao dizer que a escola faz um bom planejamento e educa de forma plena. Porém, através das observações realizadas e das respostas apresentadas acima, conclui-se que a responsabilidade pela indisciplina não pode ser atribuída à figura do aluno, professor, família e escola indistintamente, pois estes agentes estão entrelaçados no processo educativo e juntos são responsáveis pela disciplina escolar.

Como explica Aquino (1996, p. 48):

> [...] não é possível assumir que a indisciplina se refira ao aluno exclusivamente, tratando-se de um problema de cunho psicológico/moral. Também não é possível creditá-la totalmente à estruturação escolar e suas circunstâncias sócio-históricas. Muito menos atribuir a responsabilidade às ações do professor, tornando-a um problema de cunho essencialmente didático-pedagógico.

Ao serem indagados sobre quais as sugestões que indicariam para solucionar os problemas da indisciplina escolar, obteve-se as seguintes afirmações:

Tabela 5: Sugestões para solucionar problemas de indisciplina

Professora A	“Melhor acompanhamento da família, métodos e técnicas inovadoras na escola”.
Professora B	“Que os alunos fossem tratados como pessoas”.
Gestora	“Resgatar os valores que estão sendo esquecidos como respeitar, colaborar, saber ouvir etc.”
Supervisor	“Que cada família hoje desenvolva uma educação familiar com princípios religiosos, humanos, humildes, solidários; Aprendam a criar seus filhos”.

Constatou-se, a partir da análise das respostas, que os sujeitos questionados apresentam visões diferenciadas a respeito da aplicação de estratégias para resolver as questões de indisciplina. Percebe-se que as sugestões são viáveis e podem realmente diminuir os índices de indisciplina na escola. No entanto, durante as observações realizadas não foi

possível perceber a aplicação de nenhuma das sugestões citadas acima para solucionar os problemas da indisciplina.

Outro fator essencial para diminuir esse problema diz respeito à construção coletiva das normas e regras estabelecidas na escola, de modo a favorecer a participação e a cooperação dos alunos, pois quando estes percebem que fazem parte de uma instituição, onde sua opinião é levada em consideração, sendo respeitado e aceito, as evidências de indisciplina podem ser reduzidas.

Corroborando com esta visão, Parrat-Dayan (2011, p. 69) assinala que:

> Se quisermos combater a indisciplina, é importante que na sala de aula possam ser discutidos, de maneira democrática, não apenas os conteúdos escolares mas, também as regras de convivência. Isto implica que as regras podem ser criadas, negociadas e renegociadas. E implica também permitir que os alunos falem pois isso mostra uma disposição em acreditar que eles são capazes de cooperar e se respeitar uns aos outros, e, ainda, que o professor pode respeitar seus alunos.

Quando perguntados sobre a aplicação dos castigos na sala de aula, as duas professoras afirmaram que não utilizam nenhum tipo de castigo para assegurar a disciplina dos alunos e justificaram da seguinte forma:

Tabela 6: Castigos aplicados

Professora A	"Apenas os oriento, caso não resolva, peço a participação da família e a orientação da coordenação".
Professora B	"O aluno vem para a escola para estudar e não para ser castigado".

Através destas respostas percebeu-se que o castigo como forma de eliminar a conduta indisciplinada não existe. E isso foi ratificado durante as observações, pois não foi presenciado nenhuma aplicação de castigo para assegurar a disciplina dos alunos.

Entretanto, sabe-se que esse procedimento já foi utilizado por muitos professores com o intuito de fazer com que os alunos respeitassem as regras estabelecidas na sala de aula. Atualmente, essa prática arcaica e tradicional já não é utilizada, isso porque, como afirma Parrat-Dayan (2011, p. 93): "em condições de castigo, os alunos vão respeitar as regras por medo e não porque elas são necessárias para organizar o trabalho, para que exista justiça etc."

Fica claro, portanto, que a imposição de castigos não é um procedimento viável e eficaz para fazer com que os alunos respeitem as normas e regras estabelecidas pela escola, isso porque, os alunos não irão respeitar essas regras por considerarem necessárias ao bom funcionamento da escola e sim por medo e coação.

Por fim, questionou-se a gestora e ao supervisor se os mesmos interferem quando o professor não consegue lidar com as situações de indisciplina na sala de aula. Apenas a

gestora respondeu que sim, justificando sua resposta, já o supervisor apresentou resposta incoerente.

Tabela 7: Interferência em situação de indisciplina

Gestora	"Quando sou solicitada pelo educador. Se necessário fazendo comunicado da situação a família".
Supervisor	"Os alunos indisciplinados. São alunos sem limites no berço familiar e sua vivência familiar é reproduzida no espaço escolar. A forma mais eficaz é a família educar seu filho".

Analisando as respostas, constata-se que o supervisor não deixou claro se interferia ou não diante das situações de indisciplina na sala de aula, apenas relatou que os alunos são indisciplinados devido à ausência de limites na família, o que se reflete também no contexto escolar. Notou-se que o supervisor se contradisse em suas respostas, pois quando perguntado sobre o responsável pela indisciplina, o mesmo afirma que seria o aluno. (Tabela 04). Porém quando questionado sobre sua interferência na sala de aula diante das manifestações indisciplinadas, ele deixa transparecer que seria a família a responsável pela indisciplina.

É importante ressaltar que, durante as observações percebeu-se que a gestora encontra-se frequente na escola, contribuindo de forma ativa para o bom funcionamento da instituição e buscando alternativas para solucionar os problemas que surgem no ambiente escolar.

Compartilhando desse posicionamento, Parrat-Dayan (2011, p. 77) afirma que:

> A direção da escola deve estar presente frequentemente e em todos os espaços do estabelecimento, encorajando tanto os alunos como os professores. Os problemas cotidianos de indisciplina deveriam ser solucionados entre professores e alunos. É claro que os casos mais graves devem ser tratados com os responsáveis pelo grupo de orientação disciplinar.

Destaca-se, portanto a importância do papel da gestora no processo de construção da disciplina, pois a mesma pode desenvolver trabalhos que favoreçam a participação da comunidade escolar em busca de estratégias eficientes que visem prevenir ou reduzir os problemas referentes à indisciplina.

7 CONCLUSÃO

O atual contexto escolar é caracterizado por obstáculos e desafios que dificultam o trabalho pedagógico, dentre eles, destaca-se as questões acerca da indisciplina escolar.

O problema é tão complexo que vem afetando não apenas professores e alunos, mas também gestores, pais e a comunidade escolar, sendo este, um fator que influência no processor de ensino e aprendizagem.

Para compreender como a indisciplina é produzida no ambiente escolar é fundamental interpretá-la sob o ponto de vista de todos os sujeitos do processo, entre eles, a família, o professor, o aluno, a escola e a sociedade em geral. Pois o fenômeno é permeado por uma multiplicidade de conceitos e interpretações que se modificam no decorrer do tempo e do contexto social.

A partir das ideias expostas neste estudo pôde-se constatar que a indisciplina escolar apresenta causas diversas que podem residir nos fatores de natureza, social, familiar, cognitiva, biológica, psicológica etc. Isso implica dizer que, no ambiente da sala de aula é imprescindível que o professor possa atentar para esses diferentes fatores, não atribuindo a responsabilidade pela indisciplina apenas ao aluno ou à família, haja vista, que o trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, a estruturação da escola, a organização do currículo e a forma como é estabelecida a relação professor e aluno podem também contribuir para a ocorrência de indisciplina escolar.

O estudo baseou-se na compreensão dos problemas de indisciplina no ambiente escolar, mais precisamente no processo de ensino e aprendizagem. A partir das análises constatou-se que o fator indisciplina pode causar prejuízos no processo de ensino e aprendizagem, pois o aluno que manifesta comportamentos indisciplinados na sala de aula, pode não envolver-se nas aulas e apresentar dificuldades para assimilar os conteúdos.

Diante dessa situação, a intermediação do professor é fundamental, à medida em que percebe possíveis mudanças de comportamentos dos alunos, o mesmo deve refletir sobre sua prática pedagógica de modo a estimular seus alunos para o estudo.

Ao se analisar a questão da indisciplina escolar é necessário atentar para as relações estabelecidas entre os principais protagonistas da escola, ou seja, o professor e o aluno, isso porque, a disciplina só poderá ser obtida se houver uma boa relação entre ambos.

É importante que o professor tenha clareza do seu papel e possa assumir uma nova postura, visando a atender as reais necessidades dos alunos. O fazer pedagógico deve está

pautado na intencionalidade da ação educativa, o professor precisa ter convicção do trabalho que realiza com o intuito de favorecer aos alunos uma aprendizagem significativa.

A partir dos estudos teóricos e das análises realizadas na escola ficou explícita a necessidade de uma melhor compreensão conceitual sobre a questão da indisciplina escolar, bem como a aplicação concreta de estratégias que visam prevenir o problema, pois foi detectado que a maioria dessas estratégias fica apenas na teoria.

As manifestações de indisciplina são frequentes na escola o que evidencia a necessidade de desenvolver alternativas eficazes com o intuito de, ao menos, reduzir os índices do problema.

Sugere-se a escola à construção de regras coletivas com a participação de toda a comunidade escolar, inclusive os alunos, de modo que estes possam expor opiniões, revelando anseios e desejos. É importante que essas regras sejam estabelecidas de forma clara para os alunos, para que assim, estes possam compreender a importância das regras e a necessidade de utilizá-las e respeitá-las.

É necessário pensar o ambiente da escola como um espaço democrático e humano, onde seja valorizado o respeito mútuo, o diálogo, a participação e a cooperação entre os sujeitos. Essas ações devem esta representada no Projeto Político-Pedagógico da escola, pois parte-se do pressuposto de que a disciplina deve ser um objetivo a ser alcançado na escola.

Acrescenta-se também a importância de estabelecer vínculos concretos entre a escola e a comunidade, pois no processo de construção da disciplina é imprescindível a participação da família, todavia a educação familiar deve está vinculada à educação escolar, de modo que as questões de indisciplina possam ser analisadas em parceria.

Em suma, pôde-se concluir que o fenômeno da indisciplina apresenta-se como um problema difícil de ser administrado ou mesmo abolido do contexto escolar. Entretanto, esse problema pode ser solucionado na medida em que forem promovidas mudanças necessárias no meio educacional, levando em consideração os diferentes agentes: professor, aluno, pais, escola e comunidade em geral.

É necessário portanto, a mobilização de todos, é necessário que todos tenham a consciência de que a disciplina não será alcançada transferindo-se a responsabilidade para outros agentes, pois todos têm uma parcela de culpa e precisam assumir suas responsabilidades, colaborando ativamente na construção de estratégias coletivas, visando minimizar este problema que se expande cada vez mais e que pode ser prevenido na ação pedagógica.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Vilma. **O que pensam os alunos sobre a escola noturna.** São Paulo, Cortez, 2004.

ANTUNES, Celso. **A dimensão de uma mudança**: Atenção, criatividade, disciplina, distúrbios de aprendizagem, propostas e projetos. Campinas, SP: Papirus, 1999.

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

_____. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

BASTOS, Jutália Penera. Violência na escola: uma doença a ser tratada? **Revista Mundo Jovem**, nº 369, p. 11, agosto, 2006, Porto Alegre.

BRASIL. Ministério da Educação. Assessoria de Comunicação Social. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: MEC, 2004.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Educando filhos que fazem a diferença**. Fortaleza: Editora Caminhar, 2011.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Revista Sociologias. Porto Alegre, n.8, ano 4, p. 432-443, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4 ed. Curitiba: Ed. Positivo; 2009.

FORTUNA, Tânia Ramos. Indisciplina escolar: da compreensão à intervenção. In: XAVIER, M. L. (Org.) **Disciplina na escola**: enfrentamentos e reflexões. Porto Alegre: Mediação, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. **Autoridade do professor**: meta, mito ou nada disso?. 7 ed. São Paulo, Cortez, 2001.

GUIMARÃES, Áurea M**.** Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In. AQUINO, J. G. (Org.) **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

GUIRADO, Marlene**.** Poder indisciplina: os surpreendentes rumos da relação de poder. In. AQUINO, J. G. (Org.) **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliar**: respeitar primeiro, educar depois. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

JARDIM, Wagner Rogério de Sousa. **Dificuldades de aprendizagem:** no ensino fundamental. 2 ed. São Paulo, 2005.

KOFF, A. M. N. S. e PEREIRA, A. B. C. Disciplina: uma questão de autoridade e participação. In: CANDAU, V. M. (Org.) **Rumo a uma nova didática**. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (org**). Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACHADO, João Luís de Almeida. **O prazer de aprender a aprender**. Rio Janeiro: Multifoco, 2010.

MATOS, Henrique Cristiano José. Aprenda a estudar: orientações metodológicas para o estudo. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. Dificuldades subjacentes ao não-aprender. In. SISTO, F. F.; BORUCHOVITCH, E.; FINI, L. D. T. (Org.) **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. **Indisciplina escolar**: causas e sujeitos: a educação problematizadora como proposta real de superação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

SAID, Cézar Braga. Limites e limitações: uma reflexão sobre o que dificulta a ação de pais e professores. **Revista Aprendizagem**. Paraná, nº 11, ano 3, p. 22-23, mar./abr. 2009.

SCHEMES, Jorge. A mediação de conflitos na escola. **Revista Mundo Jovem**, Porto Alegre. ano: 49, nº 420, p. 5, set, 2011.

TURRA, V. F. e VIESSER, J. A. **Educação e aprendizagem -** uma proposta alternativa. Brasília: Plano Editora, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Indisciplina e disciplina escolar**: fundamentos para o trabalho docente. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 11 ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 13 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ZAGURY, Tânia. **Indisciplina, causa ou consequência?** Revista Aprendizagem. Paraná, nº 11, ano 3, p. 54-55, mar./abr. 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos alunos.

FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA – FAP
CURSO DE PEDAGOGIA
Prezada (o) aluna (o)

Nós, Cleane Linhares Sousa e Rosymara Silva Rodrigues estamos desenvolvendo uma pesquisa de campo para elaboração do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP, precisamos obter informações relacionadas à Indisciplina Escolar. Para tal, solicitamos sua colaboração, respondendo o questionário abaixo.

Idade:_____ Sexo:_____

1. O que é indisciplina para você?
   ( ) Bagunçar e brigar
   ( ) Desobedecer as regras da escola
   ( ) Desrespeitar a professora

2. Você se considera um (a) aluno (a) indisciplinado (a)?
   ( ) Sim
   ( ) Não

3. Quais as medidas adotadas pela professora quando um aluno age de forma indisciplinada?
   ( ) Colocar de castigo
   ( ) Levar à direção
   ( ) Chamar os pais

4. Você acredita que a indisciplina prejudica na sua aprendizagem?
   ( ) Sim
   ( ) Não

5. Em sua opinião, quem são os principais responsáveis pela indisciplina na escola?
   ( ) O próprio aluno
   ( ) A professora
   ( ) Os pais

6. O que leva o aluno agir de forma indisciplinada?
   ( ) A falta de limites
   ( ) O método de ensino usada pela professora
   ( ) Para chamar atenção

7. Você estuda por quê?
   ( ) Porque é importante para a vida
   ( ) Porque os pais obrigam
   ( ) Porque seus colegas estudam

APÊNDICE B – Questionário aplicado aos professores.

FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA – FAP
CURSO DE PEDAGOGIA
Prezada (o) professora (o)

Nós, Cleane Linhares Sousa e Rosymara Silva Rodrigues estamos desenvolvendo uma pesquisa de campo para elaboração do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP, precisamos obter informações relacionadas à Indisciplina Escolar. Para tal, solicitamos sua colaboração, respondendo o questionário abaixo.

Formação Profissional_____
Tempo de atuação na escola:_____

1. Como você define um aluno indisciplinado?

2. Você acredita que a indisciplina interfere na aprendizagem dos alunos?

3. Quais as estratégias que você utiliza para evitar os problemas da indisciplina na escola?

4. A quem você atribui a responsabilidade pela indisciplina na escola?

5. Que sugestões você indicaria para solucionar os problemas da indisciplina escolar?

6. Você utiliza algum tipo de castigo para assegurar o disciplinamento dos alunos?

APÊNDICE C – Questionário aplicado ao gestor.

FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA – FAP
CURSO DE PEDAGOGIA
Prezada (o) Gestora (o)

Nós, Cleane Linhares Sousa e Rosymara Silva Rodrigues estamos desenvolvendo uma pesquisa de campo para elaboração do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP, precisamos obter informações relacionadas à Indisciplina Escolar. Para tal, solicitamos sua colaboração, respondendo o questionário abaixo.

Formação Profissional_____
Tempo de atuação na escola:_____

1. Como você define um aluno indisciplinado?

2. Você acredita que a indisciplina interfere na aprendizagem dos alunos?

3. Quais as estratégias que você utiliza para evitar os problemas da indisciplina na escola?

4. A quem você atribui a responsabilidade pela indisciplina na escola?

5. Que sugestões você indicaria para solucionar os problemas da indisciplina escolar?

6. Quando o professor não consegue lidar com as situações de indisciplina na sala de aula, você interfere? De que forma?

APÊNDICE D – Questionário aplicado ao supervisor.

FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA – FAP
CURSO DE PEDAGOGIA
Prezada (o) Supervisora (o)

Nós, Cleane Linhares Sousa e Rosymara Silva Rodrigues estamos desenvolvendo uma pesquisa de campo para elaboração do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP, precisamos obter informações relacionadas à Indisciplina Escolar. Para tal, solicitamos sua colaboração, respondendo o questionário abaixo.

Formação Profissional_____
Tempo de atuação na escola:_____

1. Como você define um aluno indisciplinado?

2. Você acredita que a indisciplina interfere na aprendizagem dos alunos?

3. Quais as estratégias que você utiliza para evitar os problemas da indisciplina na escola?

4. A quem você atribui a responsabilidade pela indisciplina na escola?

5. Que sugestões você indicaria para solucionar os problemas da indisciplina escolar?

6. Quando o professor não consegue lidar com as situações de indisciplina na sala de aula, você interfere? De que forma?